



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Joabe Barbosa Pimentel

Estudo de Perfil e Atuação dos Intérpretes de Libras-Português
das Universidades Federais Brasileiras em Conferências

Manaus/AM
2020

Joabe Barbosa Pimentel

Estudo de Perfil e Atuação dos Intérpretes de Libras-Português das Universidades Federais Brasileiras em Conferências

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Prof. Orientador: Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Manaus/AM
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pimentel, Joabe Barbosa
Estudo de Perfil e Atuação dos Intérpretes de Libras
Português das Universidades Federais Brasileiras em
Conferências / Joabe Barbosa Pimentel ; orientador, Carlos
Henrique Rodrigues, 2020.
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Intérpretes de Libras; . 3.
Interpretação; . 4. Língua de Sinais; . 5. Conferência. I.
Rodrigues, Carlos Henrique. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. III. Título.

*A Deus, pelas inúmeras bênçãos em minha vida.
Aos meus pais, Gilmar e Meire, e ao meu filho Arthur Felipe.*

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares, Gilmar Pimentel e Meire Pimentel, presentes maravilhosos na minha vida, pois concederam todo o esforço e dedicação para poder criar seus três filhos, sempre nos encorajando e apoiando nossos sonhos, verdadeiros exemplos de vida e superação.

Aos meus irmãos, Gilmar Júnior e Gerson Pimentel, alicerces na minha vida, que cuidaram de mim, substituindo nossos pais enquanto se dedicavam a trazer o bem estar à nossa família. Eu os amo muito.

Ao meu filho, Arthur Felipe, o motivo das minhas lutas diárias, em busca de ser melhor em todos os aspectos para que possa ser o seu orgulho, o motivo de ter persistido, enfrentando grandes dificuldades durante toda a graduação, meu pequeno amuleto, minha vida. Eu te amo muito.

Aos meus amigos, por compreender que neste breve momento de minha vida precisei estar mais ausente para que pudesse me dedicar à finalização desta etapa tão sonhada. Saibam que todos têm seu lugarzinho no meu coração e que agradeço todos os momentos vividos. Em especial, aos meus amigos, Janiele Cohen, Nilson Júnior, Tiago Ribeiro, Kelvin Serrão, Ronaldo Júnior, Jonázio Igor e Eduardo Souza.

Aos meus colegas de trabalho, que compõem a Coordenação de Tradução da Universidade Federal do Amazonas, por todo o aprendizado e compartilhamento de experiências que diariamente tenho com todos. Especialmente, às minha amadas, Joicy Sabóia (Joy), Larissa Dantas (Larie) e Thaísa (Tatá) por ultrapassarem todas as relações estritamente profissionais e fazerem parte da minha vida contribuindo positivamente para quem eu sou e para quem tenho me tornado. Eu amo muito vocês.

Às professoras, Débora Arruda, Joelma Araújo e Rosilene Silva, por me amparar nos primeiros passos dados em direção à minha atual profissão, por todo o conhecimento a mim transmitido, todos os “puxões de orelha” que foram dados, como os de mães para o filho, mostrando o caminho de sucesso e humildade. Gratidão por tudo.

Aos professores do Letras Libras, aqueles que auxiliaram minha diretamente minha formação acadêmica e profissional. Em destaque especial, ao meu orientador Carlos Henrique, pela presença, dedicação e grandes ensinamentos na elaboração deste trabalho e à professora, Rosemeri Bernieri, por poder me conceder a honra de conhecê-la como uma excelente profissional e uma espetacular mulher de garra e determinação em quem posso me espelhar para alcançar meus objetivos.

À comunidade surda amazonense por toda a confiança em mim depositada ao longo de todos os anos de profissão, a qual dedico todos esses quatro anos de contínua formação e espero ter a oportunidade de retribuir tudo o que aprendi, em nome de meus amigos surdos destaco: Joel Gomes e Tiago Silva, que, a partir de suas histórias de vida, decidi trilhar o caminho da interpretação de Libras-português; Alice Costa, Ednilton Barreto, Erika Vanessa, Thiago Marinho, Mateus Silva, Bruna Medeiros, Cleydiane Cardeal, assim como tantos outros que colaboraram com minha formação profissional. Muito obrigado!

À minha categoria profissional, os Tradutores e Intérpretes de Libras-Português de todo o Brasil, assim como meus colegas de carreira das instituições federais de ensino, que todos os dias estão na constante luta da promoção do acesso à informação e comunicação com qualidade, mesmo enfrentando tantos ataques ao serviço público. Que esta pesquisa possa contribuir positivamente nas suas atuações.

Enfim, a todos que aqui não pude citar, e que contribuíram, diretamente e indiretamente, para que pudesse alcançar este objetivo, sentimento de gratidão.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, tem-se o objetivo de se descrever o perfil dos intérpretes de Libras-Português das Universidades Federais brasileiras e sua atuação em contextos de conferências nestas instituições. Nesse sentido, há o intuito de obter um panorama quanto à formação destes profissionais, bem como de identificar os comportamentos adotados por tais profissionais atuando em equipe em contextos de conferências. Acredita-se que esta pesquisa se justifica por sua possibilidade de oferecer a essa categoria conhecimentos sobre a prática interpretativa em contextos de conferência nas instituições federais de ensino superior brasileiras. Como no Brasil, ainda existem poucas pesquisas que tratam especificamente da atuação interpretativa dos intérpretes das universidades federais em contextos de conferência, esperamos preencher essa lacuna e contribuir com os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. Para tanto, além de uma pesquisa bibliográfica, coletaram-se dados através da aplicação de um questionário aos servidores tradutores e intérpretes de Libras-português, efetivos e temporários, das universidades federais visando construir seu perfil e compreender sua atuação em conferências. Por fim, nossos dados evidenciaram que possivelmente os tradutores e intérpretes de Libras-Português das universidades federais, em sua maioria, são mulheres entre 26 e 41 anos, com ProLibras e especialização, que aprenderam Libras após os 16 anos e que estão no cargo como efetivos de nível D. Os dados indicam que tais profissionais permanecem na busca de formação continuada visando seu aperfeiçoamento. Vimos também alguns aspectos importantes sobre o modo como esses profissionais se comportam antes, durante e após a atividade interpretativa em conferências.

Palavras-chave: Intérpretes; Libras; Interpretação; Língua de Sinais; Conferência.

RESUMO EM LIBRAS

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=JSedw9cbwFs>

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Os dados da triagem	32
Gráfico 02 – Idade dos respondentes.....	33
Gráfico 03 – Sexo dos respondentes.....	34
Gráfico 04 – Aprendizado da Libras	35
Gráfico 05 – Formação acadêmica	35
Gráfico 06 – Área da Principal formação acadêmica	37
Gráfico 07 – ProLibras	38
Gráfico 08 – Categoria profissional.....	39
Gráfico 09 – Formação específica	41
Gráfico 10 – Experiência como intérprete de Libras-português.....	42
Gráfico 11 – Línguas de trabalho e direcionalidade	43
Gráfico 12 – Acesso pré-interpretação a conteúdo e materiais	44
Gráfico 13 – Conteúdo e materiais mais disponibilizados	45
Gráfico 14 – Pesquisas sobre o conferencista	46
Gráfico 15 – Pesquisas terminológicas e/ou bibliográficas.....	47
Gráfico 16 – Previsão de desafios na atuação	48
Gráfico 17 – Compartilhamento de informação entre a equipe.....	49
Gráfico 18 – Atuação na interpretação de conferências	50
Gráfico 19 – Encontros com o conferencista.....	50
Gráfico 20 – Tipos de preparação.....	51
Gráfico 21 – Registro de atuação	54
Gráfico 22 – Revezamento durante a atuação	54
Gráfico 23 – Ocupações fora do turno.....	55
Gráfico 24 – Composição da equipe de intérpretes de Libras	56
Gráfico 25 – Reuniões pós-evento.....	57
Gráfico 26 – Análise dos problemas encontrados durante a atuação	58
Gráfico 27 – Assuntos presentes nas reuniões pós-conferências	60
Gráfico 28 – Membros que compõem as reuniões pós-conferências	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 COMPREENDENDO O QUE É INTERPRETAÇÃO	13
1.1 Modalidades de interpretação.....	15
1.2 Contexto de atuação.....	18
2 OS ETILS E AS PESQUISAS SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS ..	20
2.1 Os estudos da tradução e interpretação de Língua de Sinais.....	20
2.2 A interpretação em conferências envolvendo as Língua de Sinais	22
3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	30
4 REPRESENTAÇÃO DE DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÕES	32
5 CONSIDERAÇÕES	64
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Ainda que exista uma vasta produção de pesquisas no campo disciplinar dos Estudos da Interpretação (EI), há contínuos equívocos referentes à compreensão das diferenças operacionais e cognitivas, por exemplo, existentes entre a atividade de interpretação e a de tradução. Portanto, além de simplesmente afirmar que a interpretação estaria diretamente ligada às atividades orais/sinalizadas em contraposição à tradução que se restringiria às atividades escritas, é necessário compreender quais seriam os demais aspectos que caracterizariam esses processos singulares.

As pesquisas sobre a interpretação envolvendo línguas vocais, assim como aquelas abordando a interpretação com línguas de sinais, podem ser consideradas bastantes recentes, já que começam a se destacar a partir de 1960. Todavia, nota-se o crescente interesse neste tema, visto ser uma atividade, cada vez mais, presente em diversos contextos, principalmente em eventos científicos e acadêmicos internacionais.

Considerando isso, nesta pesquisa, realizamos a análise do perfil e da atual realidade de atuação dos Intérpretes de Libras-Português nas universidades federais brasileiras com enfoque no contexto de conferências. Incontáveis são os relatos apresentados por esta classe profissional quanto os grandes desafios enfrentados no ambiente de conferências. Tendo em vista a complexidade de fatores extralinguísticos presentes nesse contexto, vemos que, por diversas vezes, não há possibilidade de gerenciamento de inúmeras situações adversas. Para que possamos aprofundar a reflexão sobre o problema em questão, precisamos compreender melhor o que seria a interpretação de conferências, a partir de reflexões de autores renomados no campo dos EI, e mais especificamente dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS).

No Brasil, o crescente interesse no campo dos ETILS pela investigação da interpretação de conferências, envolvendo línguas de sinais, tem se ampliado após a gradativa participação de pessoas surdas em diversos encontros, congressos, assembleias, reuniões e afins. Uma vez que, claramente, faz-se necessária a presença dos intérpretes de Libras-Português nesses espaços.

Diante disso, objetivamos coletar informações relevantes sobre a atuação dos intérpretes de Libras-Português através da aplicação de um questionário virtual, visando levar o respondente a nos oferecer dados que possam ser usados para se traçar o perfil pessoal e profissional relacionado à realidade de seu trabalho na universidade e às situações vivenciadas

na atuação em conferências. Para tanto, organizamos o questionário a partir das seguintes seções: perfil; formação específica e experiência; pré-conferência; durante a conferência; pós-conferência; e finalização.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em seis partes. A primeira corresponde a essa introdução, onde apresentamos brevemente a pesquisa realizada. No capítulo seguinte, “Compreendendo o que é Interpretação”, abordamos o conceito de interpretação, as modalidades e tipos de interpretação de acordo com os contextos de atuação.

No terceiro capítulo, “os ETILS e as pesquisas sobre a interpretação de conferências”, apresentamos algumas pesquisas que tratam do contexto de interpretação de conferências envolvendo as línguas de sinais. Já no quarto capítulo, apresentamos o instrumento de coleta de dados, no caso o questionário on-line aplicado explicando o processo de construção, organização, validação e divulgação aos respondentes.

E, em seguida, no próximo capítulo, “Representação dos dados, análise e discussão”, organizamos e apresentamos os dados decorrentes do questionário e os analisamos a partir das pesquisas que tratam da interpretação de conferência, inclusive aquelas envolvendo línguas de sinais. Por fim, tecemos as considerações e listamos as referências.

1. COMPREENDO O QUE É INTERPRETAÇÃO

Antes de falarmos especificamente do que seria a interpretação, é importante mencionar o campo disciplinar específico que a tomou como objeto de estudos, para além da Linguística, ou seja, os Estudos da Tradução (ET).

Os ET se consolidaram como campo de pesquisa e de estudo em meados do século XX (RODRIGUES & BEER, 2015, p. 19). Para Holmes (1972) — um dos pesquisadores que contribuiu para a fundação e sistematização dos ET — esses estudos envolvem “toda e qualquer atividade de translação de material linguístico de uma língua para outra” (Apud RODRIGUES e BEER, 2015, p. 20). O conceito de translação aqui seria a transposição de todos e qualquer material linguístico-textual de uma língua para outra, independente se ele ocorre por meio da tradução, propriamente dita, ou da interpretação.

Pode-se considerar que, no início dos ET, a interpretação era considerada somente como uma *forma de tradução* em que se trabalha com a língua falada (enunciação), e não escrita, porém não é apenas esse aspecto que define a interpretação, já que existem outros aspectos também importantes para se compreender e diferenciar os conceitos de tradução e interpretação. Martins (2019, p. 33), por exemplo, diz que essas tarefas se distinguem por meio do tempo em que são executadas, das ferramentas que são disponibilizadas e pelos aspectos cognitivos que as envolvem.

Portanto, embora muitos entendam que na tradução trabalhamos com textos escritos e que na interpretação lidamos com discursos orais, é preciso levar em conta outros fatores característicos de cada uma dessas tarefas. Segundo Cavallo e Reuillard (2016, p. 354), as atividades tradutórias e interpretativas

além da diferença entre atividade oral (interpretação) e escrita (tradução), as duas se distinguem ainda pelo *setting* [contexto situacional] e pelas modalidades interacionais com que são praticadas: a interpretação é realizada por ocasião de eventos científicos e acadêmicos, encontros políticos e de negócios, mas também em hospitais e tribunais, entre outros.

Pöchhacker (2009) define a interpretação como “uma tradução humana em ‘tempo real’ em um texto comunicativo essencialmente compartilhado [...] atividade de translação em que o

texto final e inicial em uma outra língua é executada com base no tempo de oferecimento de um enunciado na língua fonte”.(PÖCHHACKER 2009, p. 128 tradução por RODRIGUES 2013, p. 25)

Enquanto no ato interpretativo o profissional precisa lidar com a pressão imediata do tempo — já que o texto está em seu fluxo contínuo de produção, por exemplo —, na tradução ele possui um tempo, relativamente, maior para realização da tarefa, o que pode ser uma vantagem que possibilita a revisão da tradução antes do conhecimento do público. De acordo com Pagura (2015), isso se dá, pois, o “trabalho [do intérprete] desaparece quando o evento termina, enquanto o trabalho do tradutor, impresso e publicado, permanecerá indefinidamente” (PAGURA, 2015, p. 187)

Outra distinção entre essas duas atividades se dá pelo fato de o tradutor possuir ferramentas de consulta como dicionários, sites, glossários etc. à sua disposição, podendo recorrer a elas sempre que necessário. Todavia, devido ao imediatismo da atuação interpretativa, geralmente, não é possível, pois

o intérprete, por outro lado, terá de ter adquirido todo o conhecimento necessário e o vocabulário específico antes do ato tradutório em si. Durante o processo de interpretação simultânea, fechado em sua cabine e tendo de tomar decisões em questão de três a cinco segundos, não há tempo para consulta a quaisquer obras de referência, especialistas ou sites de busca na internet. No máximo, poderá ter a ajuda do companheiro de cabine em alguma expressão recorrente no discurso que não lhe tenha vindo à mente de imediato. (PAGURA, 2015, p. 186).

Outro aspecto muito importante, e talvez o principal elemento de distinção entre as atividades, é a demanda cognitiva em cada uma das tarefas. Pode-se dizer que, cognitivamente, a tradução e a interpretação são bem diferentes, visto que a capacidade de concentração, análise e síntese, realização de diversas ações concomitantes e a utilização da chamada memória de curto prazo¹ — entre outras demandas cognitivas — é essencialmente distinta.

O texto de partida do intérprete não está à sua disposição indefinidamente. O intérprete (simultâneo) tem de ter a capacidade de concentrar-se no que está ouvindo a fim de processar a informação na mesma hora e re expressá-la na língua-alvo, sem se descuidar da próxima unidade de sentido sendo enunciada

¹ Memórias de curto prazo ou curta duração são aquelas que permanecem em nosso cérebro por curto espaço de tempo, cerca de um minuto, e podem dar lugar a memórias de média duração ou serem esquecidas (SOUSA e SALGADO 2015, p. 143).

pelo palestrante imediatamente a seguir. O processo é tríplice (ouvir/processar/expressar) e as três etapas acontecem ao mesmo tempo. (PAGURA, 2015, p. 188).

Ainda sobre essa diferença na demanda cognitiva, o intérprete precisa ter não somente domínio da língua em si, mas do discurso oral, visto que são necessárias certas habilidades que o capacitarão para “dominar as sutilezas, nuances e especificidades da expressão oral das línguas em que atua.” (RODRIGUES, 2013 p. 38).

Além desses aspectos, um fator diferenciador desses dois processos se dá através da possibilidade de armazenamento do produto. *A priori*, os tradutores possuem um registro escrito, ou em vídeo e/ ou em áudio do produto final, se tornando estático, fazendo assim com que seu trabalho seja armazenado. Na interpretação, o profissional está lidando com o discurso em fluxo e não há um registro do produto final de forma automática, esse registro só será feito se tomada iniciativas externas à operacionalização do processo em si para que isso ocorra, porém é algo que não faz parte do processo.

Portanto, após apresentar, brevemente, essas diferenças entre os processos de tradução e de interpretação, é relevante dizer que entendemos a interpretação como uma atividade translativa — linguística, textual, comunicativa, interpretativa, cognitiva — que trabalha com o discurso em fluxo sob pressão de tempo, podendo realizar-se em diferentes contextos situacionais (sendo os mais conhecidos: os de conferências, os comunitários e os midiáticos), e por meio de diferentes modalidades (sendo as mais conhecidas: a simultânea, a consecutiva longa/curta e a *prima vista*).

Na próxima subseção (1.1), apresentamos as modalidades de interpretação e, na seção seguinte (1.2), abordamos os tipos de interpretação a partir dos principais contextos de atuação.

1.1 Modalidades de Interpretação

É importante conhecer um pouco melhor o que são as modalidades² de tradução, que aqui serão abordadas como modalidades de interpretação. Sabe-se que o processo de interpretação pode ser operacionalizado de diferentes maneiras, as quais dependem do modo

² O termo modalidade é polissêmico e tem sido empregado no campo da linguística e da tradução, assim é como ver modalidades gramaticais, modalidade de língua, modalidade de uso da língua, modalidade de tradução etc.

como o texto se apresenta e do como ele será interpretado, ou seja, de que forma se dará efetivamente a interpretação. Nesse sentido, essa modificação no discurso que está sendo reformulado durante a interpretação diz respeito ao “modo tradutor”³, o qual caracteriza e define as diferentes modalidades de tradução.

Para falarmos das modalidades de interpretação, consideraremos a proposta de Jiménez (1999) que foi retomada por Hurtado Albir (2011). Jiménez (1999) apresenta e conceitua tipos comuns de modalidades de interpretação: a consecutiva e a simultânea. A *consecutiva* seria caracterizada por meio de interrupções no texto fonte, acompanhadas de subsequentes produções do texto alvo, ou seja, um bloco textual do texto fonte e interrompido para que um bloco textual do texto alvo seja apresentado. Essa modalidade pode ser subdividida em: (i) *consecutiva curta*, caracterizada pela interpretação dialógica⁴, conhecida também como intermitente (PAGURA, 2003); e (ii) *consecutiva longa*, de caráter monológico⁵, na qual ocorre o processo de tomada de notas durante a observação de um longo bloco de informações para logo, em seguida, ser realizar a interpretação.

Mesmo não sendo a modalidade consecutiva, atualmente, muito usada em grandes eventos — já que há preferência a modalidade simultânea, apresentada a seguir —, ela ainda é adotada em reuniões com um público reduzido. Pagura (2015, p. 211) ressalta que a interpretação consecutiva teria “papel preponderante no treinamento de intérpretes simultâneos, uma vez que nesse modo se desenvolvem as técnicas que serão fundamentais para o desempenho da simultânea, tais como a capacidade de compreensão e análise do discurso de partida.”

Outra modalidade apresentada por Jiménez (1999, p.48) é a *simultânea*, caracterizada por não haver paradas na produção do texto fonte. Assim, o oferecimento do texto alvo ocorre paralelamente. Essa modalidade pode ser realizada com o auxílio de tecnologia (o modo mais

³ Modo tradutor diz respeito à variação produzida na tradução de acordo com as características de como se apresenta o texto original e a sua tradução (HURTADO ALBIR, 2001).

⁴ Ocorre quando o intérprete reformula oralmente em revezamento entre o seu enunciado e o enunciado do orador, em formato de um diálogo (JIMÉNEZ, 1999, p. 50).

⁵ Consiste na reformulação na língua de chegada de um texto fonte enunciado em forma de monólogo, o qual é finalizado, em partes ou como um todo, para que seja re-expresso na língua alvo. (JIMENEZ, 1999, p. 60).

comum é a interpretação de cabine⁶) ou sem ele (o modo mais comum é a interpretação sussurrada⁷).

Riccardi (1999, p. 162 tradução de CAVALLO 2015, p. 64) apresenta as quatro fases do processo de interpretação simultânea: “a recepção da mensagem em língua de partida, sua elaboração, reelaboração (as últimas duas chamadas também de decodificação e recodificação) e sua produção em língua de chegada”, sendo, portanto, “o resultado da compenetração de diferentes atividades e processos cognitivos”. Assim, segundo Cavallo (2015, p. 64) esta modalidade “requer uma série de características que exigem uma grande desenvoltura cognitiva por parte do indivíduo pois trata da combinação em tempo real da compreensão e produção e ambas competem por recursos disponíveis”.

A tradução à prima vista, também vista como interpretação à prima vista, é a terceira modalidade que pode ser destacada nos EI. Sampaio (2017, p. 1674) explica que “a Tradução Oral [interpretação] à Prima Vista (TrPV) é de longa data percebida como uma atividade tradutório-interpretativa de natureza híbrida, por sua ancoragem na matriz da linguagem escrita como ponto de partida e na linguagem oral como ponto de chegada.” Assim, ela tem como característica importante o fato de ser considerada uma modalidade tradutória simultânea, considerando que sua concretização é marcada por traços do processo de simultaneidade (baixa recursividade, imediatismo e realização em tempo real).

Jiménez (1999, p. 198 apud SAMPAIO, 2017) descreve cinco variedades: (i) “*ao bater do olho*”, quando não é dado ao intérprete tempo para preparo prévio; (ii) *preparada*, quando é concedido um pequeno espaço de tempo para o intérprete se familiarizar com o texto de partida; (iii) *consecutiva*, quando o intérprete lê o texto todo e, a seguir, apresenta uma versão oral sintética ou explicativa do conteúdo do texto de partida; (iv) *em interpretação consecutiva*, quando o palestrante lê em voz alta o texto escrito que será objeto da prima vista e, a seguir, o intérprete procede à reformulação oral na língua de chegada; e (v) *a interpretação simultânea com texto*, quando o intérprete, que está realizando interpretação simultânea (normalmente em cabine), tem em mãos o texto escrito que serve de base para o discurso do palestrante.

Compreender as modalidades de interpretação e em quais ambientes e situações poderão ser aplicadas é essencial para a formação da base dos EI, visto que elas correspondem aos seus

⁶ Interpretação realizada com apoio de cabine de interpretação que dispõe de equipamentos de áudio, por exemplo (JIMENEZ,1999, p. 68)

⁷ Interpretação realizada quando há poucas pessoas que demandam o serviço. O intérprete se localiza atrás desse público, por exemplo, e reformula simultaneamente o texto de partida, em voz baixa, de maneira restrita a esse público. (JIMENEZ,1999, p. 69)

objetos de estudo e na atuação profissional a seleção de uma destas modalidades implicará diretamente nos modos de operacionalização da tradução demandado por cada contexto situacional, demonstrados no subitem a seguir (1.2).

1.2 Contextos de atuação

De modo geral, os autores da área da interpretação (PAGURA, 2003; GILE, 1995; PÖCHHACKER, 2009), citam pelo menos dois contextos principais em que a interpretação é comumente realizada: (i) contextos de conferências; e os (ii) contextos comunitários. Esses contextos se desdobram em vários outros.

Nogueira (2016, p. 65) conceitua o contexto de conferência como “um dos principais espaços de atuação, um local que envolve múltiplas características, como o tipo de discurso e a configuração entre os participantes por exemplo, exigindo do profissional que irá atuar nesse ambiente o domínio de tais características.”

Segundo Gile (1995), a interpretação de conferências “corresponde, em princípio, à substituição de um discurso de alto nível formal e conceitual em língua de partida por um discurso em língua de chegada que o restitui em sua integralidade no mesmo alto nível” (GILE, 1995, p. 12, tradução por CAVALLO E REULLIARD, 2016, p.355)⁸.

Hurtado Albir (2011, p. 82, tradução nossa), considerando o contexto da interpretação, menciona a interpretação comunitária (ou “de comunidade”, ou de serviços públicos, ou social)⁹, referindo-se à interpretação, geralmente, realizada em contextos médico-hospitalares e socioeducacionais, à interpretação judicial, que ocorre principalmente em tribunais e delegacias de polícia, e, por fim, à interpretação de enlace considerada, também, como interpretação de acompanhamento, apontando o serviço de interpretação oferecido em reuniões de negócios ou em câmaras, comércios, espaços públicos e privados, bem como durante acompanhamentos em fábricas, instalações industriais, entre outros.

⁸ Do francês; “[...] correspond en principe à la substitution d’un discours de haut niveau formel et conceptuel en langue de départ par un discours en langue d’arrivée qui le restitue dans son intégralité au même haut niveau”.

⁹ Do inglês *Community Interpreting*, chamada também de *Public Service Interpreting*, isto é, “Interpretação para os Serviços Sociais” (GARZONE, 2003, p. 15, tradução nossa).

Com base mapeamento proposto por Williams e Chesterman (2002), a tradução audiovisual ou midiática é apresentada como mais um contexto de atuação. Franco e Araújo (2011) lembram que Yves Gambier foi um dos primeiros pesquisadores a se debruçar sobre a tradução audiovisual, e indicam que

[...] os primeiros estudos na área se referiam ao termo “tradução de filmes” ou *film translation* porque enfatizavam o cinema, a tela grande. Desde o momento em que o VHS se tornou popular, no final dos anos 1980s, e a atenção foi deslocada para a tradução realizada nesse meio, o termo “tradução audiovisual” (TAV) ou *audiovisual translation* (AVT) passou a vigorar. “Audiovisual” significava o cinema, a televisão, o vídeo e, curiosamente segundo Gambier, até mesmo o rádio, chamando assim a atenção para a dimensão multissemiótica de todos os programas transmitidos. (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p.1).

Diante uma breve contextualização, ressaltamos que as modalidades de interpretação — identificadas como consecutiva, simultânea e à prima vista — apresentam características próprias quanto à temporalidade, aos processos cognitivos, à interpretação alternada entre a recepção e produção, além de serem mais ou menos comuns a determinados contextos de atuação, correspondendo às especificidades dos ambientes que demandam a tarefa interpretativa.

Após a apresentação dos estudos da interpretação, das modalidades e dos contextos de atuação, iremos aprofundar nos ETILS (subitem 2.1) e ramificar aos estudos da interpretação em conferências com línguas de sinais (subitem 2.2).

2. OS ETILS E AS PESQUISAS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS

É imprescindível abordamos o recente campo de pesquisas sobre a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais, já que está pesquisa se insere nele. Os ETILS como vem sendo denominados como uma área que abarca toda e qualquer pesquisa que tenha como foco à tradução e/ou a interpretação de/entre/para línguas de sinais. Assim, nesta seção, falaremos sobre os ETILS e as pesquisas sobre a interpretação de conferências envolvendo línguas de sinais.

2.1 Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS)

Os ETILS vêm se mostrando como área fértil de pesquisa e está em constante expansão. Não é por acaso que vemos a proliferação dessas pesquisas no meio acadêmico, pois diversos fatores contribuíram para que o cenário atual fosse favorável à institucionalização dos ETILS (SANTOS, 2018, p. 377). Pode-se afirmar que os ETILS compreendem uma subárea dos ET e dos EI que vêm ganhando cada vez mais visibilidade. Sobre isso, Rodrigues e Beer (2015) consideram que

várias publicações recentes de renomados autores dos ET [Estudos da Tradução] e dos EI [Estudos da Interpretação] mencionam as línguas de sinais e, por diversas vezes, tecem importantes considerações e reflexões. Esse reconhecimento, por parte dos teóricos dessas áreas, evidencia a inegável afirmação e ascensão das pesquisas envolvendo a tradução e a interpretação em línguas de sinais e desafia, cada vez mais, os novos pesquisadores a encaminharem suas investigações sobre a tradução e sobre a interpretação de línguas de sinais com base nos conhecimentos já produzidos por esses campos disciplinares. (RODRIGUES & BEER, 2015, p. 22).

Pereira (2010, p. 100) considera o tema da interpretação de e para uma língua de sinais só foi possível recentemente, após a primeira exposição fundamentada do estatuto linguístico da língua estadunidense de sinais (*American Sign Language – ASL*), pelo linguista William Stokoe (1960/2005), na década de sessenta, momento em que começou a ser reconhecida como objeto de pesquisa da Linguística.

Pereira (2010) ainda afirma que a primeira produção acadêmica que surgiu no âmbito dos ETILS no Brasil foi em 1995, porém a autora justifica a provável causa desse atraso de mais de dez anos após o início das produções sobre a Libras no país, que passaram a surgir na década de oitenta, como sendo a possibilidade de, primeiramente, “sedimentar a concepção da língua de sinais como portadora de estatuto linguístico equivalente a qualquer língua vocal e, só depois, outros aspectos tenham despertado interesse de investigação” (PEREIRA, 2010, p. 110).

Todavia, observamos que hoje a situação está muito mais desenvolvida no contexto brasileiro, com o aumento cada vez maior de pesquisas sobre a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais. Esse crescimento se dá, principalmente, por conta das pesquisas realizadas nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, a partir de produções de professores, alunos, intérpretes — surdos e ouvintes —, que têm a tradução e a interpretação de língua de sinais como seu objeto de investigação ou âmbito de atuação profissional. Nesse sentido, Santos (2013, p. 60) afirma que

[...] a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio da PGET, foi pioneira em nosso país ao oferecer uma linha de pesquisa intitulada Estudos da Interpretação, que contempla também investigações voltadas a Libras e à interpretação nos diversos contextos comunitários (médico, jurídico e educacional).

Com a abertura de novas possibilidades na área dos ETILS passou a haver um refinamento no foco das pesquisas, que se voltam principalmente aos processos tradutórios e interpretativos intermodais. Além disso, os referenciais teóricos utilizados, não só no contexto nacional como também internacional, passam a utilizar cada vez mais autores dos Estudos da Tradução e dos EI (SANTOS, 2013).

Em 2010 Pereira fez uma análise das produções brasileiras, dissertações e teses, que tinham como foco as pesquisas em interpretação e no profissional intérprete de língua de sinais. Na análise, a autora apontou que das dissertações que estavam em andamento na época, de 2007 a 2009, em apenas dois anos, somavam treze trabalhos. Isso comprova um crescimento de uma média de apenas uma pesquisa por ano, se comparado às pesquisas já finalizadas com o primeiro registro em 1995 e o último em 2009, para aproximadamente sete dissertações anuais (PEREIRA, 2010, p. 109). Vale ressaltar que, a análise realizada pela autora foi há dez anos, possibilitando concluirmos que essa média de pesquisas por ano deve ser muito maior hoje.

Os ETILS vêm ganhando visibilidade, não só aqui no Brasil, mas, também, no resto do mundo. Uma grande editora de obras vinculadas aos Estudos da Tradução — St. Jerome Publishing — veiculou um periódico dedicado exclusivamente à pesquisa em tradução e interpretação de língua de sinais, intitulado *The sign language Translator & Interpreter*, com o primeiro volume em 2007 e o segundo em 2008. Esse acontecimento comprova a filiação das pesquisas em TILS ao campo dos ET (VASCONCELLOS, 2010, p. 132).

Sobre as pesquisas atuais nos ETILS, Santos (2013) afirma que tem havido um refinamento no foco, tendo visto que:

as tendências, os novos percursos de investigação sobre TILS [Tradução e Interpretação de Língua de Sinais], apontam para o refinamento dos objetos de pesquisa, focando principalmente nos processos tradutórios e de interpretação. Os referenciais teóricos, tanto no contexto nacional como no internacional, passam cada vez mais a utilizar autores dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação. (SANTOS, 2013, p. 291).

Pöchhacker (2010, p. 65) destaca que a interpretação de línguas de sinais colaborou para a expansão dos paradigmas que respaldam os EI. O autor explica elementos como papéis, poder e discurso como aspectos que conectam intérpretes de línguas orais e intérpretes de línguas de sinais quando em atuação na interpretação comunitária.

Dessa forma, podemos concluir que, atualmente, existe um campo de pesquisas e, por sua vez, de conhecimento consolidado no Brasil. Assim sendo, dispomos de estudos que retratam os contextos de atuação dos profissionais tradutores e intérpretes e os processos que os envolvem. A seguir, veremos algumas pesquisas relacionadas com o contexto de atuação em conferências, objeto de estudo deste trabalho.

2.2 A interpretação de conferência envolvendo as línguas de sinais

A interpretação de conferências é geralmente entendida como sendo a transposição de discursos de uma língua para a outra em eventos formais e informais que apresentem características semelhantes às de conferências, sendo efetivada, basicamente, por meio das modalidades consecutiva e/ ou simultânea. Gomes (2019, p. 128) destaca que a interpretação em conferências tem recebido as línguas de sinais, seja como língua fonte, seja como língua alvo, o que representa a inserção, por direito e competência, de pessoas surdas em espaços de conferências e eventos.

As primeiras atuações, que se tem registro, de interpretação de conferência eram realizadas de forma consecutiva. Contudo, devido a forma como essa modalidade acontece, resultando em discursos muito demorados, ela passou a ser bastante criticada buscando-se novas estratégias capazes de melhorar o fluxo da interpretação com economia de tempo (NOGUEIRA, 2016).

Lourenço (2017) apresenta possibilidade de se olhar a direcionalidade de interpretação presentes no contexto de conferências:

interpretação-sinalizada [sinalização], o intérprete parte de uma língua oral para uma língua sinalizada. O profissional geralmente é posicionado à frente do público e deve compreender a mensagem auditivamente sem, na maioria das vezes, ter acesso a informações visuais, tais como gestos e expressões corporais utilizados pelo emissor do texto de partida. Além disso, a produção desse intérprete é realizada por meio de movimento das mãos e de movimentos corporais de maneira geral, exigindo também um certo gerenciamento do espaço de trabalho, como, por exemplo, cuidar de sua posição no palco e ainda garantir que sua sinalização esteja totalmente visível para a audiência surda. Tem-se ainda o fato de o intérprete partir de uma língua oral (linear e sequencial) e precisar (re)estruturar as informações na língua sinalizada (espacial e multidimensional).

interpretação-voz [vocalização], o intérprete passa a se posicionar de frente para o emissor da mensagem, pois sua compreensão do texto de partida é visual e ele deve estar atento a todos os recursos e construções espaciais empregados no discurso sinalizado, vertendo-os para a outra modalidade. (LOURENÇO 2017, p. 2-3).

Pode-se considerar que o principal evento que marcou a interpretação simultânea, como modalidade que se tornaria comum ao contexto de conferências, foi o julgamento de criminosos nazistas de Nuremberg, em que quatro línguas foram utilizadas. Sobre esse acontecimento, Pagura (2010, p. 46) afirma que

é interessante notar que o primeiro evento internacional em que se utilizou a interpretação simultânea em larga escala e durante um período prolongado de tempo não foi, propriamente, uma conferência internacional, mas sim um julgamento. No entanto, foi um julgamento totalmente peculiar, com muitas semelhanças a uma conferência internacional, uma vez que os juízes, promotores e seus assistentes falavam inglês, francês ou russo, enquanto os réus e grande parte de seus advogados de defesa falavam alemão. Como o sistema jurídico que vigorou foi o anglo-saxão, mais particularmente o dos Estados Unidos, os depoimentos e a chamada “*cross-examination*” pelos promotores impediam, por si só, o emprego da consecutiva. Na “*cross-examination*”, a velocidade das perguntas e respostas tem um papel fundamental que os promotores reclamavam até mesmo da “lentidão” da simultânea. Além disso, a consecutiva num evento que incluía quatro idiomas prolongaria imensamente a sua duração.

Com o tempo, a interpretação simultânea passou a ser a modalidade de interpretação mais usual no contexto de conferências. Vale destacar que a simultaneidade de processos cognitivos é que caracteriza à simultaneidade desse modalidade de interpretação, já que ela não se realizar de forma exatamente concomitante ao oferecimento do discurso na língua fonte, já que o intérprete necessita de um curto espaço de tempo para processar as informações e reorganizar sua forma de expressão (PAGURA, 2015). Sobre o fato de a modalidade simultânea se destacar no contexto de conferências, Pagura (2003) explica que

a modalidade simultânea é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra, com as necessidades surgidas no Julgamento de Nüremberg, em que se utilizaram quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) e, quase que imediatamente a seguir, com a criação da Organização das Nações Unidas, onde se utilizam seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). Nessa modalidade, os intérpretes – **sempre em duplas** – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. (PAGURA, 2003, p. 211).

Como citado anteriormente, no subtítulo 1.1, a modalidade de interpretação simultânea pode ser realizada com e sem o uso de tecnologia. Dentro do contexto de conferências, o uso de tecnologia através da interpretação em cabines é bastante utilizado entre os intérpretes de línguas de sinais. Em relação a essa operacionalização da interpretação, Gomes (2019) frisa que:

Esta experiência e iniciativa em realizar a interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, isto é, um processo intermodal, em cabine, tem sido empregue desde 2014 no IV Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa em Florianópolis. Nogueira (2016) argumenta que esta cabine é composta por microfones e monitores, uma vez que os intérpretes precisam observar o palestrante sinalizando para, então, proferir a interpretação para a Língua Portuguesa que a audiência receberá via fones de ouvido. Além de evidenciar mais um espaço de igualdade quanto à atuação de intérpretes intermodais e intramodais vocais-auditivos, a cabine pode ser um local que permite um pouco mais de tranquilidade aos intérpretes intermodais, resguardando-os, ao não os expor fisicamente ao público. (GOMES, 2019, p. 127).

Nogueira (2016, p. 91), ao pesquisar sobre a atuação dos intérpretes de Libras-Português no contexto de conferências, faz referência a três períodos que compõem a interpretação em conferências: (1) preparação (pré-conferência); (2) interpretação (conferência em si); e (3) avaliação (pós-conferência). Nessa mesma perspectiva, Gomes (2019) detalha esses três períodos:

O primeiro deles é a preparação da equipe de trabalho (Pré-conferência), onde os intérpretes poderão revelar suas experiências, expertises, conhecimentos e proposições em relação ao trabalho que irão desempenhar juntos. Nessa ocasião os intérpretes também solicitam o material com antecedência para estudo do conteúdo, de sinais/palavras, buscam conhecer o espaço físico em que irão atuar para traçar estratégias relacionados ao posicionamento. O segundo período é conhecido como a interpretação em si, na qual os profissionais se auxiliam e atuam conforme o combinado anterior. É imprescindível não se perder de vista que mesmo não assumindo o turno de fala, isto é, realizando a interpretação para a língua gestual-visual ou para a língua vocal-auditiva, é necessário que esteja plenamente atento para dar suporte ao parceiro de trabalho. Enquanto um está no módulo turno e o outro está em módulo apoio, ambos estão atuando e são responsáveis pelo produto apresentado. O terceiro período a etapa de avaliação (pós-conferência), pela equipe, após a realização da interpretação. A intenção é que os profissionais analisem todo o processo desenvolvido e percebam o que foi válido ou não, quais aspectos podem ser aprimorados, anulados, acrescentados. Esta etapa é essencial, pois pode ser considerada, também, como uma (auto)formação empírica orientada e dialogada entre pares. (GOMES, 2019, p 129 - 30).

O primeiro momento citado pelo autor, o de preparação, influencia diretamente na qualidade da atividade interpretativa. A maioria dos profissionais desenvolve seu próprio método de preparação, o que pode incluir diversas estratégias de leitura, pesquisas em glossários terminológicos, de conceitos, em dicionários etc.

Entretanto, de acordo com Nogueira (2020), a preparação envolve não somente pesquisa terminológica e de conceitos. O autor separa essa atividade pré-interpretação em alguns momentos “(i) a preparação física, voz e corpo; (ii) o domínio das modalidades de interpretação; (iii) o espaço de trabalho; e (iv) a preparação teórica conceitual.” (NOGUEIRA, 2020, p. 332).

Em relação à primeira delas — a preparação física —, o autor inclui a de voz e corpo, pois para os intérpretes de língua de sinais, esses aspectos corporais são fundamentais para a atuação. Mesmo que haja uma equipe de profissionais com trocas e revezamento, no contexto de conferências, é comum que esse profissional passe bastante tempo em pé, e, ao fim da atuação, tenha realizado bastantes movimentos com os braços devido ao uso da língua de sinais, fazendo com que essa preparação física, de corpo, seja necessária. Já no quesito voz, a

preparação se dá pelo fato deste profissional atuar não somente com a interpretação para a língua de sinais, mas também da língua de sinais para uma língua vocal-auditiva. E, assim como acontece com os cantores, professores, atores e até mesmo os intérpretes de línguas orais, o preparo vocal é essencial antes da atuação do intérprete de língua de sinais, pois implica diretamente em uma boa atuação e no cuidado com sua voz. (NOGUEIRA, 2020).

Dentre os momentos citados pelo autor, o de preparação teórica conceitual é a mais abordada pelos pesquisadores e conhecida forma de preparação pré-atuação. A importância desse momento é descrita por Padilla e Martin (1992, p. 197 apud PAGURA, 2003, p. 227):

[...] para o intérprete, o processo de compreensão é muito mais complicado. Ele não tem tempo de usar dicionários ou consultar um especialista. A única maneira em que o intérprete pode afetar o processo de compreensão é tomando atitudes previamente, antes que a mensagem seja realmente comunicada, por intermédio da preparação exaustiva, tanto lexical quanto conceitual, a respeito do assunto envolvido.

Esse momento também deve abarcar reuniões entre a equipe de intérpretes que irá atuar no evento, para discutir aspectos como: revezamento, apoio, definição de sinais-terminos etc. E, também, reuniões com os palestrantes e os organizadores do evento para que haja um acordo em relação em como se dará essa atuação, qual espaço de trabalho, e para que os intérpretes tirem as últimas dúvidas a respeito das palestras que serão dadas.

Vale dizer que a interpretação, simultânea ou consecutiva, em contextos de conferência é uma atividade complexidade que exige uma série de conhecimentos e de habilidades motoras, cognitivas e atitudinais, por exemplo, capazes de conduzir o intérprete ao desempenho adequado na tarefa de interpretação. Portanto, diversos autores mencionam esse conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes. Dentre eles, pode-se citar Gile (1995) que propôs o modelo dos esforços, identificando quatro etapas do processo cognitivo que embasam as atividades realizadas pelos intérpretes, a saber:

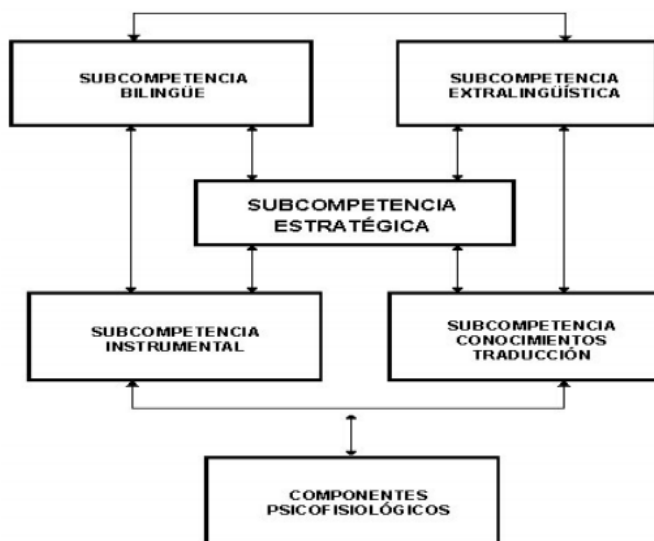
1. momento de percepção ou análise, ou seja, quando o intérprete recebe as informações da língua fonte, porém já começa a organizá-la na língua alvo;
2. memória de curto prazo, em que o profissional passa a reter as informações compreendidas, a produção;
3. produção da mensagem na língua alvo;
4. coordenação das três etapas anteriores. (GILE, 1995, p. 162).

Portanto, para que as fases de uma interpretação de conferências — pré-conferência, conferência e pós-conferência — sejam mais bem aproveitadas pela equipe de intérpretes oferecendo um serviço de qualidade para o público alvo, é necessário que esses profissionais

sejam hábeis e tenham desenvolvido competências específicas, sendo a mais importante de todas: a competência tradutória (CT).

Nesse sentido, é interessante mencionar aqui um dos modelos de CT mais difundidos na contemporaneidade — embora não seja um modelo de competência interpretativa, ele traz uma ideia interessante sobre o que seria necessário a um intérprete —, o modelo do grupo PACTE¹⁰ (1998; 2003), da Universidade Autônoma de Barcelona. Esse modelo componencial e holístico da CT, apresenta um conjunto integrado de várias subcompetências que operam de forma global no desempenho da atividade tradutória/ interpretativa, como se pode observar abaixo (Figura 01).

Figura 01 – Modelo de CT do PACTE



Fonte: Hurtado Albir (2011, p. 397)

Como uma maneira de melhor explicar os elementos que compõem a CT, Nogueira (2016) descreve um resumo das subcompetências baseado no modelo desenvolvido pelo Grupo PACTE

Bilíngue: Está integrada por conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos textuais e léxico-gramaticais.

Extralingüística: É composta por conhecimentos essencialmente declarativos, sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares, conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos.

¹⁰ “Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação”.

Conhecimento sobre tradução: Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).

Instrumental: Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).

Estratégica: Está integrada por conhecimentos, essencialmente declarativos, sobre os princípios que regem a tradução (unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados) sobre aspectos profissionais (tipos de tarefa e de destinatário).

Componentes psicofisiológicos: Componentes cognitivos, tais como memória, percepção, atenção e emoção; aspectos de atitude, como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite das próprias possibilidades, motivação etc.; habilidades como criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese etc. (NOGUEIRA 2016, p.54)

Destacamos, além de compreender as peculiaridades, processos de atuação no contexto de conferência e subcompetências necessárias para realização de um serviço interpretativo, abordaremos perfil dos profissionais que atuam neste ambiente no ensino superior.

Lacerda e Gurgel (2011, p. 483) apresentam que durante a processo de constituição da profissão de Tradutores Intérpretes de Libras foi marcada inicialmente pela informalidade, onde sua função era somente de mediar uma comunicação entre surdos e ouvintes. Durante a década de 90, a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Instrução dos Surdos) realizavam tentativas de formação específica de curta duração para esses profissionais, ministrados por ouvintes e eventualmente por surdos que tinham como objetivo ampliar os conhecimentos e desenvolvimento da fluência em Libras.

No Brasil, o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), tornou obrigatória a presença deste profissional nos espaços educacionais que recebem alunos surdos. Assim as instituições de ensino superior (IES) para atender às demandas da comunidade surda passaram a contratar pessoas que se dispunham a atuar como TILS sem atenção para uma avaliação de sua formação e competência para exercer esta função (LACERDA; GURGEL, 2011 p. 483).

Desta forma, Lacerda e Gurgel (2011) através de uma coleta de dados aplicado a um grupo de intérpretes de Libras atuantes no ensino superior apresenta um amplo perfil destes profissionais, onde:

é possível destacar que a maioria deles passou por algum tipo de formação em Libras, mas menos da metade fez formação específica para atuar como TILS,

e neste grupo um terço fez esta formação há mais de dez anos indicando pouco interesse por formação continuada para a área de atuação. O movimento da maioria é ter a certificação pelo ProLibras cumprindo as exigências legais. (LACERDA; GURGEL, 2011 p. 495).

Assim, diante as explicações quanto aos estudos da interpretação de línguas de sinais, aplicabilidade desses estudos no contexto de conferências e perfil profissional, se faz necessário ponderar a realidade de atuação dos intérpretes de Libras nas universidades federais brasileiras, para isto, organizamos um instrumento de coleta de dados para posteriormente analisar o retorno por parte dos participantes, apresentado no item a seguir.

3 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS: O QUESTIONÁRIO

A presente pesquisa tem como abordagem *quali-quantitativa*, pois os resultados obtidos estão diretamente ligados a subjetividade apresentados pelos respondentes e quantificação através de gráficos gerados no instrumento de coleta de dados. A natureza de nossa *pesquisa é aplicada* pois gera conhecimentos para aplicação à solução de problemas específicos. Como categoria do objetivo, nossa pesquisa é *explicativa*, pois identificamos fatores que determinam um fenômeno descritivo, com o procedimento *levantamento* apresentando a realidade de um público específico através de coleta de dados.

Como ferramenta de coleta de dados para esta pesquisa, aplicou-se um *questionário* direcionado aos intérpretes de Libras-Português (ILS) das universidades federais brasileiras (UFs) com o objetivo de traçar o perfil desses profissionais, conhecer sua atuação e assim compreender o cenário atual e os desafios enfrentados, com foco na interpretação de conferências.

O questionário foi organizado em partes, a saber: (1) Triagem inicial; (2) Perfil; (3) Formação específica e experiência; (4) Pré-conferência; (5) Durante a conferência; (6) Pós-conferência; e (7) Finalização. Ele foi elaborado através do Formulários Google¹¹ e disponibilizado on-line como: “Atuação dos intérpretes de Libras-Português das universidades federais em conferências”.

O Formulários do Google (*Google Forms*) permite que se elaborem questionários, enquetes on-line, para facilitar o processo de coleta de respostas bem como sua sistematização, já que podemos extrair planilhas e gráficos, por exemplo, gratuitamente. Esclarecemos que, embora os respondentes tenham se identificado com seu e-mail quando responderam ao questionário, eles não serão identificados nessa pesquisa, mantendo seu anonimato.

Antes de aplicarmos o instrumento de coleta de dados da pesquisa — o questionário —, houve sua validação através da participação de dois intérpretes de Libras-Português não atuantes em universidade federal com a finalidade de apresentar possíveis falhas na organização

¹¹ O questionário pode ser acessado em: encurtador.com.br/jvwJ4

do instrumento assim como de calcular o tempo de preenchimento que seria gasto pelos participantes.

Posteriormente à análise de cada pergunta do questionário e à validação do questionário como um todo, iniciou-se sua aplicação direcionando-o ao público-alvo da pesquisa, os intérpretes de Libras-Português atuantes nas universidades federais brasileiras. O questionário de coleta de dados ficou disponível durante oito dias consecutivos, sendo compartilhado o seu *link* de acesso em grupos de *WhatsApp* das UFs, assim como enviado por e-mail aos intérpretes de Libras-Português com perfil adequado à pesquisa.

Para garantir que o questionário apenas seria respondido pelo público alvo da pesquisa, inserimos inicialmente uma questão de triagem, na qual o potencial participante da pesquisa deveria confirmar se estava atuando em alguma universidade federal brasileira como efetivo ou temporário, caso contrário, não poderia prosseguir para o restante das questões.

Caso o respondente confirmasse sua atuação em alguma UF, era direcionado para as questões da pesquisa, divididas em seis seções: (i) Perfil (idade, sexo biológico, idade de aquisição da Libras, Formação acadêmica e área de formação, aprovação no exame do Prolibras¹², vínculo institucional¹³ e categoria profissional); (ii) Formação específica e experiência (formação específica como tradutor e/ ou intérprete de línguas de sinais, tempo de experiência atuando como intérpretes e atuações nas direções direta¹⁴ e inversa¹⁵ e entre línguas de sinais); (iii) Pré - conferência (estratégias de preparação para uma conferência, a realidade de atuação em conferências e um questão aberta sobre a compreensão do respondente quanto ao momento de pré-conferência); (iv) Durante a conferência (estratégias de registro da atuação; revezamento entre os intérpretes, ocupações fora do turno, a preferência de atuação e uma breve explanação sobre a importância do trabalho em equipe em conferência); (v) Pós-conferência (estratégias adotadas pela equipe após a atuação, temas e composição de membros das reuniões pós-conferência e uma questão aberta quanto a compreensão do respondente sobre o momento de reunião pós-conferência); e (vi) Finalização (situações desafiadoras enfrentadas durante a interpretação em conferências e um espaço para registro de comentários e observação por parte do respondente).

¹² Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa.

¹³ Universidade em que trabalha atualmente.

¹⁴ Atuação da língua B para a língua A, nesse caso de Libras para português. (RODRIGUES, 2018).

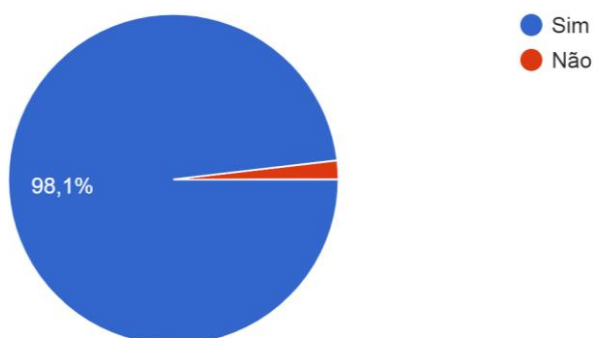
¹⁵ Atuação da língua A para a língua B, nesse caso de português para Libras. (RODRIGUES, 2018).

Após a organização do questionário virtual, aplicação aos respondentes e obtenção das respostas, iniciamos o processo de análise dos dados, como é observado no item a seguir.

4 REPRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com a aplicação do questionário, obtivemos o total de 54 respostas. Entretanto, 53 validadas, devido ao fato de um dos possíveis participantes não estar de acordo com o perfil esperado dos respondentes da pesquisa, como é possível observar abaixo (Gráfico 01). Isso corrobora a importância da pergunta inicial de triagem. Na triagem, perguntamos, ao possível respondente, se ele era tradutor/ intérprete atuante numa universidade federal brasileira como temporário ou efetivo. Como já mencionamos acima, ao responder que “não” o questionário era encerrado agradecendo ao possível respondente por sua participação.

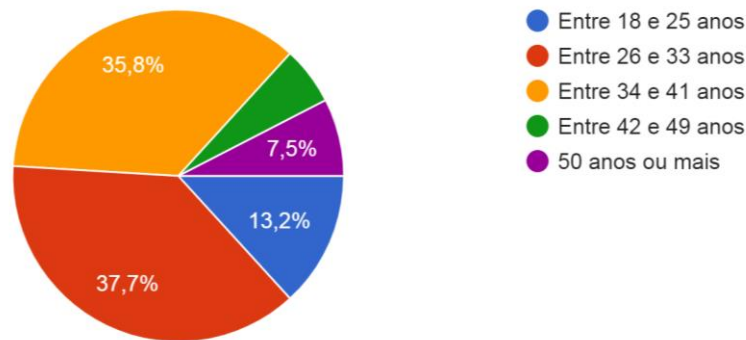
Gráfico 01 – Os dados da triagem



Fonte: o Autor (2020)

Após passar por essa triagem prévia, aqueles que responderam positivamente à primeira questão foram direcionados à primeira seção do questionário. Assim, a próxima pergunta com foco no conhecimento do perfil geral dos respondentes e, portanto, dos profissionais da tradução e interpretação de Libras-Português que atuam nas UFs, enfoca a idade, a partir de cinco categorias distintas, sendo as quatro primeiras compostas por um intervalo de oito anos cada e a última, mais abrangente, estabelecendo apenas a idade mínima, como se pode observar a seguir (Gráfico 02).

Gráfico 02 – Idade dos respondentes

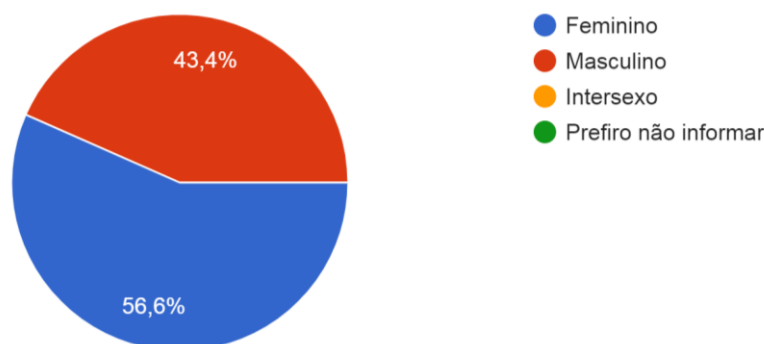


Fonte: o Autor (2020)

Obtivemos um número expressivo de participantes com a faixa etária entre 26 e 33 anos (20 respondentes, equivalente a 37,7%) e entre 34 e 41 anos (19 respondentes, equivalente a 35,8%). Entretanto, é interessante notar que tivemos respondentes em todas as categorias propostas, o que indica a amplitude da variação de idade dos tradutores/ intérpretes de Libras-Português em atuação nas UFs. O fato de mais de 70% dos respondentes estar na faixa etária dos 26 anos aos 41 anos pode indicar que vários deles estejam na profissão há mais de cinco anos e que muitos, provavelmente, realizaram uma formação empírica sem passar, necessariamente, por um curso superior de formação em tradução e interpretação de línguas de sinais — o que será confirmado com os dados sobre formação específica que serão apresentados mais adiante (Gráfico 09).

Outro aspecto importante para nossos dados do perfil dos respondentes é saber o que seria mais comum nas UFs brasileiras, a atuação de homens ou de mulheres no cargo de tradutores/ intérpretes de Libras-Português. Nessa questão, oferecemos quatro opções de respostas, como se pode observar abaixo (Gráfico 03). Além de masculino e feminino, oferecemos a possibilidade de o respondente não informar o sexo, caso preferisse, ou optar pela opção intersexo (i.e., termo que indica que a variedade de condições em que uma pessoa nasce não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino).

Gráfico 03 – Sexo dos respondentes



Fonte: o Autor (2020)

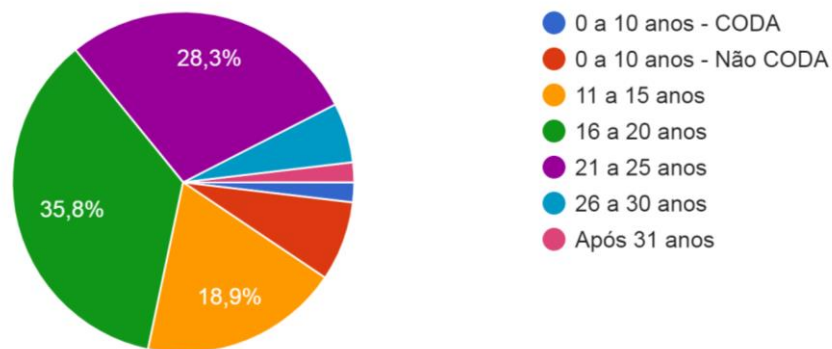
Observamos que mais de cinquenta por cento dos respondentes indicaram ser mulheres (30 respondentes, equivalente a 56,6%) em contraposição a (23 respondentes, equivalente a 43,4%) de respondentes homens. Nenhum dos respondentes indicou ser intersexo ou optou por não informar o sexo nessa questão. Esses dados estão em conformidade com Lacerda e Gurgel (2011, p. 485) que versam sobre o perfil dos intérpretes de Libras-Português no ensino superior. Elas apresentam inclusive a predominância de profissionais mulheres no segmento acadêmico e indicam que esses dados estão em conformidade com os dados do INEP (2007).¹⁶

Outra questão que levantamos foi referente à faixa etária de aquisição da Libras. Nesta questão, disponibilizamos sete faixas etárias para que os respondentes assinalassem a que correspondia ao seu período de aprendizagem de Libras e tivermos o seguinte (Gráfico 04).

¹⁶ Disponível em:

https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf

Gráfico 04 – Aprendizado da Libras

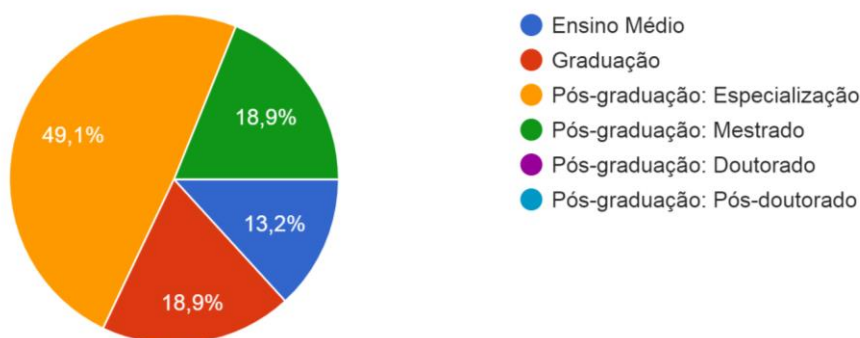


Fonte: o Autor (2020)

Como podemos observar, temos registro de respostas em todas as categorias, o que está evidenciando diferentes caminhos de aprendizado da língua. Em destaque, temos 35,8% (referente a 19 participantes) que indica que a faixa etária de aquisição da Libras está no período entre a adolescência e a fase adulta (16 a 20 anos), talvez esse seja o período mais favorável ou com maior disposição de tempo para dedicação e participação mais ativa em cursos e/ou na comunidade surda.

Entender à formação acadêmica do respondente é imprescindível a qualquer estudo de perfil, pois o alcance de um novo nível acadêmico adiciona novas experiências ao profissional, aprimorando sua visão para novos contextos e maximizando suas competências. Assim, consultamos ao participante quanto a sua formação com base em seis opções (Gráfico 05).

Gráfico 05 – Formação Acadêmica



Fonte: o Autor (2020)

Registramos respostas em quatro opções (excetuando-se o ensino médio e o doutorado). É interessante destacar que, mesmo sendo a exigência mínima o ensino médio para o cargo efetivo e para muitos casos de cargos temporários, o ensino superior parece ser a formação base; sendo que a formação mais expressiva está em nível de pós-graduação *lato sensu* (i.e., especialização), indicando que, possivelmente, os profissionais continuam sua formação com o intuito de aperfeiçoar sua *performance* e se desenvolver na carreira, mesmo porque estão atuando em uma universidade.

Enfatizamos a discordância entre a exigência de formação mínima (PCCTAE¹⁷/2005, Anexo III), a Lei que regulamenta a profissão do Intérprete de Libras e as atualizações legislativas que tratam da formação necessária no ensino superior. Observamos no Estatuto da Pessoa com deficiência (Lei 13.146) no Art. 28, XVIII, que:

§ 2º Na disponibilização de tradutores e intérpretes da Libras a que se refere o inciso XI do **caput** deste artigo, deve-se observar o seguinte:

I - os tradutores e intérpretes da Libras atuantes na educação básica devem, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras;

II - os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, **devem possuir nível superior**, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras. (BRASIL, 2015).

Santos (2020, p. 95) apresenta em sua pesquisa a referência dessa nova orientação quanto aos requisitos profissionais para os intérpretes de Libras atuantes no ensino superior, e por mais que tal estatuto oriente que estes são padrões profissionais mínimos para atuação em contexto de educação, registramos o mesmo entra em desacordo com a promoção da formação aos intérpretes topicalizadas na Lei 12.319/2010, exposto em seu art. 4º:

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, **em nível médio**, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

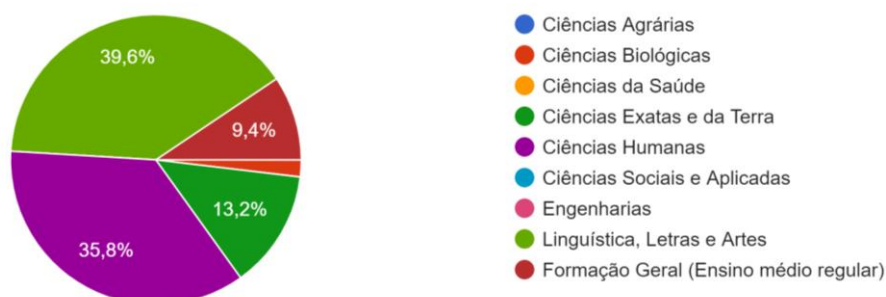
III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

¹⁷ O Plano de Carreira dos Técnico-Administrativos em Educação-PCCTAE é um conjunto de princípios, diretrizes e normas que regulam o desenvolvimento dos servidores.

A divergência entre as legislações apresentadas é evidente através da análise de Santos (2020), mas nossa pesquisa não objetiva discutir quanto a prevalência da aplicabilidade aos ILS das universidades federais.

Outro ponto de interesse são as áreas em que os respondentes estão se qualificando. A próxima questão lista as oito grandes áreas de conhecimento com base na categorização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), adicionando uma nona opção de formação geral para que aqueles respondentes que ainda não concluíram o ensino superior tivessem opção de resposta, como apresentado no gráfico a seguir (Gráfico 06).

Gráfico 06 – Área da principal formação acadêmica



Fonte: o Autor (2020)

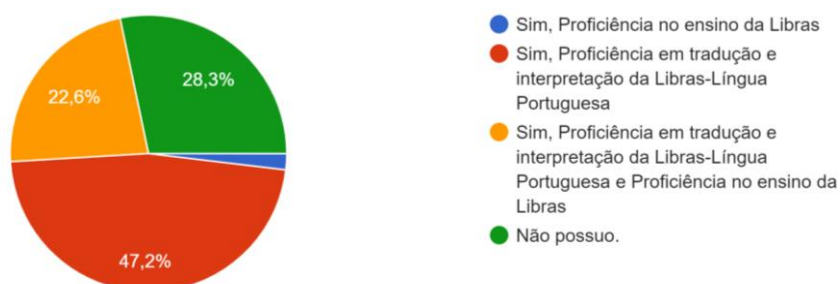
Das áreas de conhecimento existentes e apresentadas aos participantes da pesquisa, obtemos a representatividade de áreas do conhecimento como âmbitos da formação dos intérpretes. Destacamos o campo da “Linguística, Letras e Artes” como o mais comum aos intérpretes de Libras-Português das UFs, área que engloba os estudos linguísticos e os ET e que está em consonância com as atividades realizadas nos cargos que ocupam.

Assim como a formação acadêmica, perguntamos sobre a aprovação no ProLibras¹⁸, que por muito tempo foi considerado a “formação” necessária para a contratação de profissionais nas UFs. O ProLibras era uma avaliação em que o candidato se submetia a uma prova, seguida de banca avaliadora, composta por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras-Português de instituições de educação superior, com o objetivo de obter uma certificação em Tradução e Interpretação de Libras-Língua Portuguesa ou para o uso e ensino de Libras.

¹⁸ Para mais informações, acessar: <http://www.prolibras.ufsc.br/>

Havia a opção de indicar que se possui apenas o ProLibras de Ensino, apenas o ProLibras de Tradução/Interpretação, ambos ProLibras ou nenhum deles. Vejamos o que os respondentes indicaram (Gráfico 07).

Gráfico 07 – ProLibras



Fonte: o Autor (2020)

Constatamos que dentre as possibilidades de escolhas apresentadas aos respondentes, os intérpretes aprovados na certificação de tradução/ interpretação de Libras são os mais presentes nas UFs somando 69,8% (25 respondentes, equivalente a 47,2% aprovados somente em tradução/interpretação de Libras-Português e 12 respondentes, equivalente a 22,6% aprovados também em ensino de Libras). Em seguida temos o total de 24,5% de ILS proficientes em ensino de Libras (12 respondentes, equivalente a 22,6% aprovados em ensino igualmente em tradução/interpretação de Libras-Português e 1 respondente, equivalente a 1,9% aprovados somente em ensino de Libras). Evidenciamos ainda 15 respondentes, equivalente a 28,3% que não possuem nenhuma certificação de ProLibras.

Em seguida, consultamos aos respondentes quanto seu vínculo institucional, com intuito de verificar de quais UFs os respondentes seriam e avaliar o alcance do instrumento de coleta de dados. Como opção de resposta, oferecemos uma lista com as 69 universidades federais brasileiras ativas no momento da pesquisa.

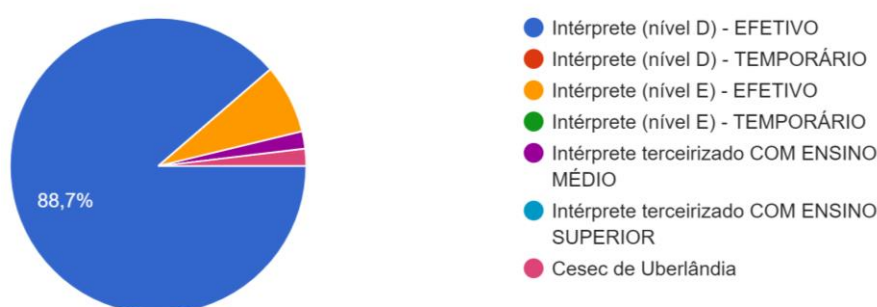
A pesquisa contou com a participação de 53 intérpretes de Libras-Português de 30 universidades federais brasileiras, sendo elas: UF do Acre (4); UF do Amapá (1); UF do Amazonas (6); UF do Pará (1); UF do Oeste do Pará (1); UF Rural da Amazônia (1); UF de Rondônia (4); UF do Ceará (1); UF do Cariri (1); UF do Maranhão (1); UF da Paraíba (1); UF de Pernambuco (1); UF do Vale do São Francisco (1); UF Rural do Semi-Árido (1); UF da

Grande Dourados (1); UF de Mato Grosso do Sul (2); UF de Juiz de Fora (2); UF de Lavras (1); UF de Minas Gerais (1); UF de São João del-Rei (3); UF de Uberlândia (1); UF do Triângulo Mineiro (1); UF dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (1); UF do Rio de Janeiro (1); UF do Espírito Santo (1); UF Rural do Rio de Janeiro (1); UF de São Paulo (1); UF do Paraná (1); UF de Sergipe (1); UF de Brasília (3); UF do Rio Grande do Sul (4); UF de Santa Catarina (2). Diante da expressiva participação dos ILS representantes das UFs nossa investigação detém 43,4% da representatividade das instituições alvo de nossa averiguação.

Diante dos dados acima contamos a participação de todas as 5 regiões do Brasil, com respondentes representantes de 21 estados e 1 pertencente ao Distrito Federal. Em destaque temos o estado de Minas Gerais com maior participação em nossa pesquisa (10 respondentes). Esse número se dá, possivelmente, pelo expressivo número de UFs presentes no estado (atualmente com 11 Universidades Federais), com maior probabilidade de presença de ILS efetivos e temporários distribuídos nessas instituições.

Outro questionamento foi quanto ao vínculo profissional com a instituição federal: servidor efetivo ou servidor temporário, assim como também o nível do cargo ocupado — nível médio ou superior —, como é apresentado a seguir (Gráfico 08).

Gráfico 08 – Categoria Profissional



Fonte: o Autor (2020)

Diante do total de 53 respondentes, 88,7% (equivalente a 47 intérpretes) atuam no cargo efetivo de nível D, com a exigência mínima de ensino médio e proficiência em Libras, 04 respondentes, equivalente a 7,5% no cargo de Tradutor Intérprete nível E que exige formação mínima em nível superior e 1 respondente, equivalente a 1,9% de servidores terceirizados

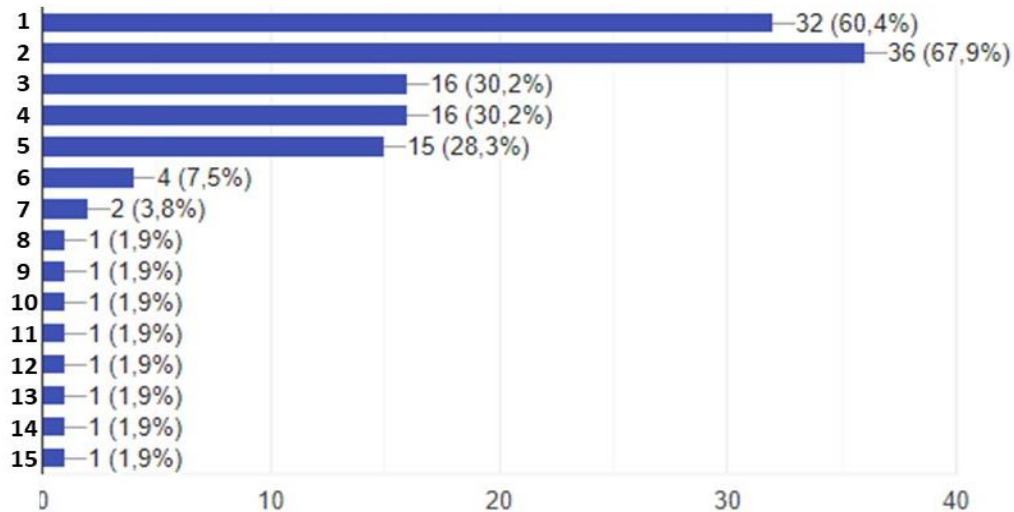
contratados através de empresas licitadas à universidade. Deste modo, percebemos a maioria de servidores ainda empossados em cargos que estariam em desacordo com o contexto de ensino superior (Exigência mínima de graduação) como é retratado no decreto 5.626/2005 em seu art. 19, I:

Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil: I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior. (BRASIL, 2005).

Registramos também um respondente informando que sua atuação não condiz com o questionamento proposto, visto que ele está atuando no Cesec Uberlândia (Instituição de educação de jovens e adultos). Compreendemos que possivelmente o respondente esteja atuando também nesta instituição, por isso descartamos este dado em nossa análise.

Seja qual for a carreira profissional, a formação contínua é vista como indispensável para se obter bons resultados no oferecimento do serviço. Considerando esse aspecto, consultamos aos respondentes sobre quais seriam as suas formações específicas já realizadas (Gráfico 09).

Gráfico 09 – Formação Específica



LEGENDA

- | | |
|---|--|
| 1. Cursos de extensão universitária | 9. Curso de aperfeiçoamento feneis/UFRGS |
| 2. Cursos livres em entidades representativas | 10. Mestrado em letras |
| 3. Especialização em tradução e interpretação | 11. Não fiz formação específica |
| 4. Graduação em letras-libras bacharelado | 12. Letras libras em curso |
| 5. Cursos técnicos profissionalizantes em tradução | 13. Estudei Libras com minha esposa |
| 6. Pós-Graduação stricto sensu em estudos da Tradução | 15. Finalizando o bacharelado em letras-libras |
| 7. Cursos tecnólogos em tradução e interpretação | 15. Graduação em andamento letras-libras |
| 8. Cursos de tradutor intérprete virtual | |

Fonte: o Autor (2020)

Observa-se que a formação específica como tradutor e intérprete em maior evidência são os cursos livres em entidades representativas de surdos e/ ou intérpretes e tradutores, correspondendo às associações, federações e empresas de formação de ILS que estão continuamente promovendo formações sendo nos estudos da tradução e/ou em diversos contextos de atuação. Em destaque também notamos que a promoção de cursos de extensão universitária, evidenciado como formação de Intérpretes de Libras de acordo com o art. 18, Inciso II, do decreto 5.626/2005 tem sido uma grande procura por estes profissionais, afinal estão inseridos em um ambiente de ensino superior onde essas formações são oferecidas.

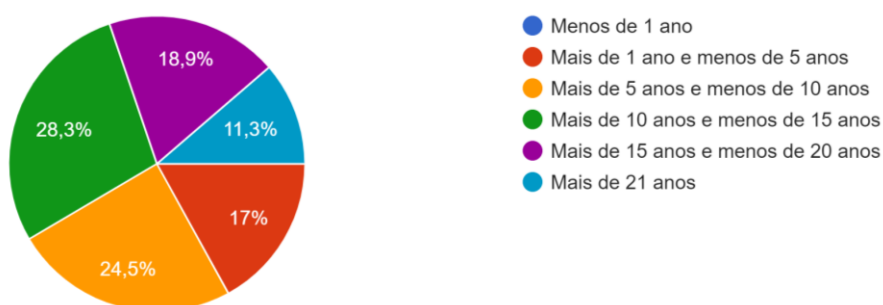
Salientamos a presença de 30,2% (16 respostas) de intérpretes graduados no curso de Bacharelado em Língua Brasileira de Sinais, em Tradução e Interpretação Libras-Português e afins e na pós-graduação em ET, em nível de especialização (16 respostas) e de mestrado (4 respostas). Essas formações se somam às experiências adquiridas ao longo dos trabalhos realizados por esses profissionais.

Por mais que já neste questionamento já apareçam dados referentes à servidores já graduados em Letras Libras com a formação em tradução e interpretação de Libras-português, esta formação em nível superior é recente, com o oferecimento de primeira turma em 2008 na modalidade a distância através da Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com 14 Universidades Brasileiras que tornaram-se pólos, assim em relação a idade dos respondentes (gráfico 02), grande parte dos respondentes não teriam idade adequada para ingressar no nível superior, pois estaria na média entre 14 a 21 anos.

Mesmo sendo recente a formação específica em tradução de Libras-português, temos profissionais que optaram pela carreira dos Estudos da Tradução após a conclusão de outro nível superior em nível de mestrado. Destacamos que as pós-graduações em Estudos da Tradução, não tem caráter de formação profissional que objetiva a transferência do conhecimento técnico-profissional, e sim acadêmica, com enfoque no aprofundamento de reflexões teóricas.

A experiência profissional incorpora inúmeras vivências de contextos, desafios enfrentados, situações adversas que necessitam de tomadas de decisão quase que imediatas e autoanálise referente a atuação, assim como a questões atitudinais. Desta forma, inquiremos aos participantes quanto ao seu período de experiência como intérprete de Libras-Português (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Experiência como intérprete de Libras-português



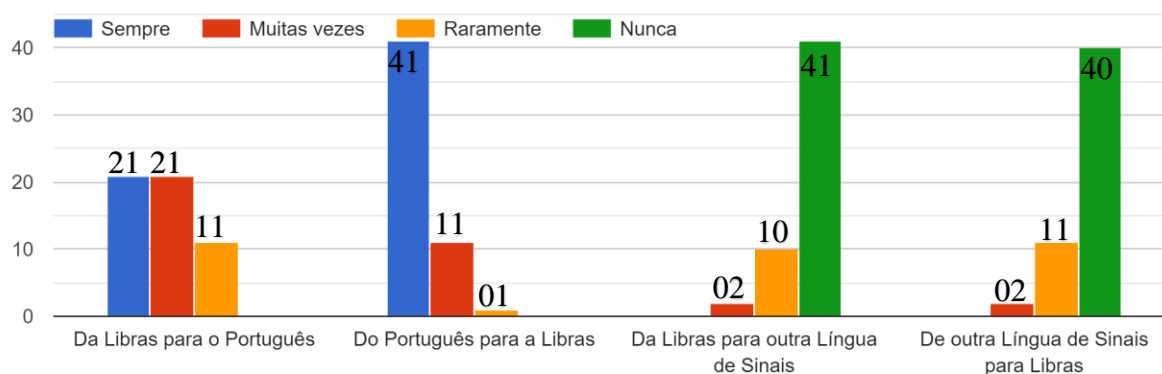
Fonte: o Autor (2020)

Dentre todas as respostas coletadas, nenhum respondente indica ter experiência de menos de 1 ano de atuação profissional. O destaque está para a experiência entre 10 e 15 anos

totalizando 15 respondentes, equivalente a 28,3% das respostas, em seguida com 13 respondentes, equivalente a 24,5% dos respondentes detém de 5 a 10 anos de experiência, com 10 respondentes, equivalente a 18,9% das respostas afirmam ter de 15 a 20 anos de vivência como ILS, seguido por 09 respondentes, equivalente a 17% dos pesquisados declarando de 1 a 5 anos e 06 respondentes, equivalente a 11,3% expondo acima de 21 anos como atuando como ILS.

Consultamos os respondentes sobre suas línguas de trabalho e sobre a frequência de sua utilização na interpretação de conferências em suas instituições. Como opções apresentamos os pares linguísticos Libras-Português e Libras- “outras línguas de sinais”, com frequência subdividida em: sempre, muitas vezes, raramente e nunca (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Línguas de trabalho e direcionalidade



Fonte: o Autor (2020)

Observamos, que a direção inversa (Português-Libras) é a mais demandada nessas instituições, pois se trata de informações institucionais em diversos espaços direcionadas ao povo Surdo no âmbito acadêmico, dentre elas as conferências em diversos assuntos de interesse do público. Mesmo sendo pouco realizada, a interpretação entre línguas de sinais já é presente em algumas universidades, mostrando que os espaços das línguas de sinais, nacional e internacional, já estão presentes no ensino superior.

Percebemos, a partir dos dados apresentados, que existe uma pré-disposição em atendimento em conferências na direção Português-Libras (L1 – L2) estando em conformidade com a investigação de Napier (2005) que apresenta a preferência pela interpretação-sinalizada por 24 intérpretes de Língua australiana de sinais consultados. Percebemos um resultado

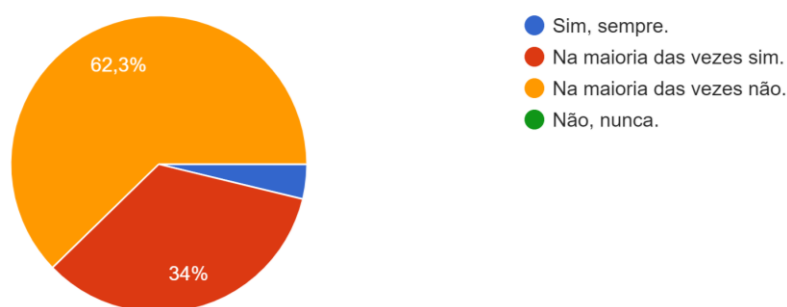
semelhante na pesquisa de Nicodemus e Emmorey (2013) ao aplicar uma pesquisa a 701 intérpretes de ASL. Dentre os dados coletados, obtiveram 88% dos intérpretes afirmaram preferir interpretar da L1 para L2.

Lourenço (2018) trata a escolha de direção interpretativa como uma análise de desempenho, pois é necessário verificar se a qualidade da interpretação é realmente superior à interpretação voz. Por muitas vezes a escolha da direcionalidade pelos intérpretes está condicionado ao volume de *feedback* automático (tratando da interpretação direta). Lourenço (2018) explica que

ao interpretar da língua de sinais para a língua oral, há altos níveis de automonitoramento, devido ao feedback auditivo que os intérpretes têm de sua própria fala. Por esse motivo, esses profissionais podem ter a falsa sensação de que a sua interpretação-sinalizada possui melhor qualidade do que sua interpretação-voz, simplesmente por não terem condições de avaliar a qualidade de sua produção sinalizada. (LOURENÇO, 2018 p. 8).

Dessa parte em diante, enfocamos em aspectos mais específicos da atuação em conferências. Assim, focamos no momento de preparação para uma conferência (pré-conferência), solicitando ao respondente informação em relação à frequência do acesso aos materiais e conteúdo a serem abordados e/ ou explanados durante a conferência. Afinal, esta é uma prática bastante adotada pelos intérpretes como forma de assegurar ao profissional o conhecimento prévio do que será apresentado durante a situação de conferência. No gráfico abaixo (Gráfico 12), vemos as quatro possibilidades de resposta (i.e., sempre, na maioria das vezes sim, na maioria das vezes não e nunca).

Gráfico 12 – Acesso pré-interpretação a conteúdo e materiais

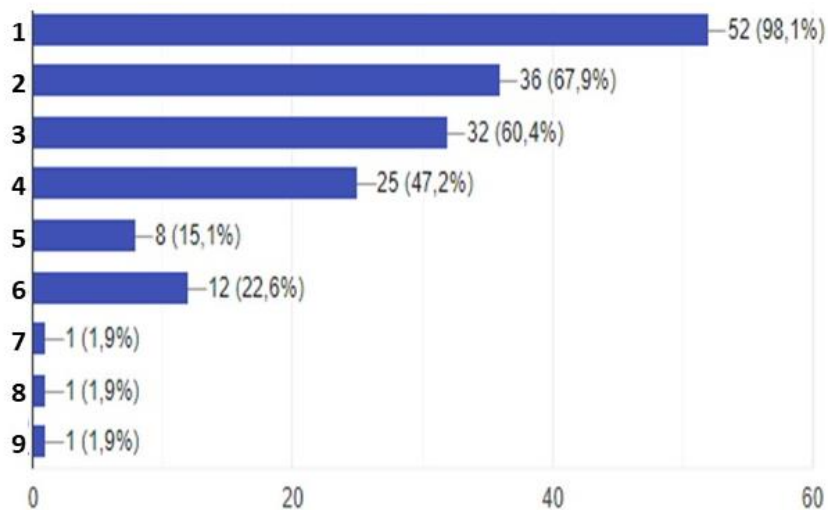


Fonte: o Autor (2020)

Ainda que o acesso ao material e/ ou conteúdo a ser apresentado em uma conferência, seja um método adotado por alguns intérpretes para desenvolver a competência referencial e aplicá-la em uma dada interpretação, a realidade expressiva em várias universidades federais é a inversa, podendo ser por ausência de conhecimento por parte do profissional e/ ou da equipe que irá atender o evento, ou por falta de esclarecimentos da coordenação responsável pelo evento ou por contratempos institucionais, que poderiam ser solucionados com base em um diálogo informativo iniciado pelos próprios intérpretes.

Dentre os materiais disponibilizados aos intérpretes para a realização da preparação para a demanda interpretativa, listamos alguns que possivelmente seriam repassados aos profissionais como forma de oferecer informações à equipe (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Conteúdo e materiais mais disponibilizados



LEGENDA

1. Slides
2. Textos
3. Resumo
4. Vídeos
5. Áudios
6. Imagens
7. Redes sociais
8. Reuniões com palestrantes
9. Outros vídeos conferências do autor

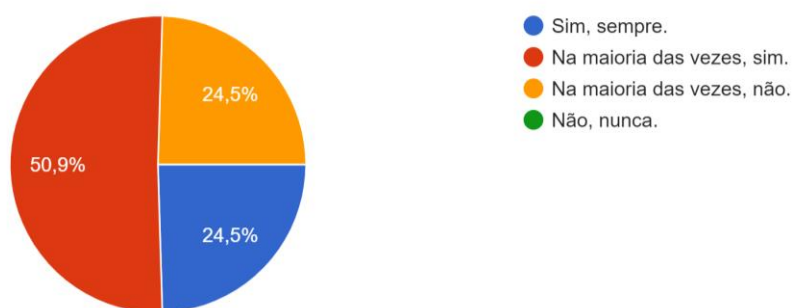
Fonte: o Autor (2020)

Pela característica do contexto de conferências, é comum o envio de *slides* pelos conferencistas, prova disto é o *feedback* de 98,1% das respostas direcionarem a este tipo de material para a preparação, mesmo este não sendo detalhado quanto ao que será apresentado, considera-se o material mais utilizado pela equipe de intérpretes, pois além de conter tópicos principais que serão relatados, também serve como direcionamento dos momentos de fala pelo palestrante.

A complexidade e benefícios de acesso a materiais como forma de preparação é apresentado por Gomes (2019, p. 125): “O não acesso irrestrito ao texto da língua fonte e a impossibilidade de consultar materiais externos, como glossários terminológicos e dicionários, para enriquecer seu trabalho endossam a complexidade da interpretação”. Esse processo de acesso aos materiais utilizados na conferência está diretamente ligado à *competência instrumental* (PACTE, 2013), pois os indivíduos buscam através desses recursos informações que possam contribuir no processo da interpretação, refletindo nos possíveis problemas e soluções para cada um deles.

Assim como o acesso ao material é considerado um método de preparação bastante utilizado pelos intérpretes, existem outras formas de buscar informações que possam contribuir no trabalho em conferências. No próximo questionamento que trazemos aos respondentes, abordamos a prática de consultar informações sobre o conferencista e suas publicações (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Pesquisas sobre o conferencista



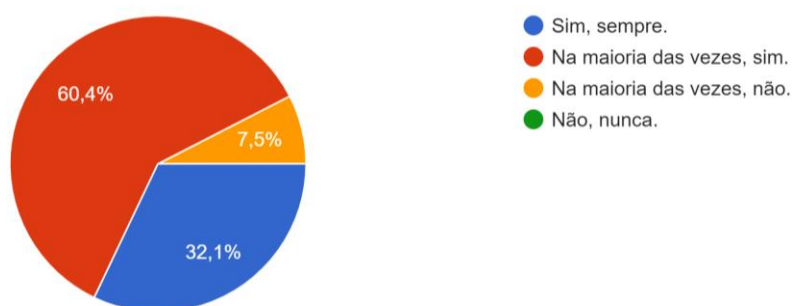
Fonte: o Autor (2020)

Observamos que a prática de consulta quanto à formação do conferencista e suas publicações têm sido uma estratégia de preparação muito adotada pelos intérpretes, vimos que

mais de 75% dos respondentes equivalente a 40 participantes tem essa prática em sua preparação para a demanda em conferência, e mesmo que 13 respondentes, equivalente a 24,5% das respostas seja de uma prática não tão contínua, ainda assim há o conhecimento dessa prática como tática a ser adotada para somar no seu conhecimento referencial. Essa ação importante para que não haja a dependência total de informações prestadas pelo palestrante ou coordenação do evento.

Após o recebimento dos materiais, conteúdos, realização de pesquisas quanto ao perfil acadêmico e linhas de pesquisa, os profissionais enfrentam outra dificuldade, o desconhecimento de termos específicos do tema a ser explanado na conferência. A busca pelos conceitos e uso dos termos é também considerada uma estratégia aplicada no momento de preparação e só pode ser realizada mediante um estudo prévio do conteúdo a ser explanado. Abaixo (Gráfico 15), vemos a frequência de adoção desse método por parte dos intérpretes.

Gráfico 15 – Pesquisas terminológicas e/ou bibliográficas



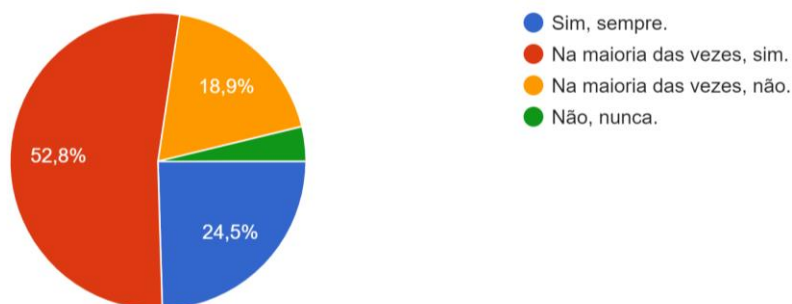
Fonte: o Autor (2020)

Verificamos que a estratégia de pesquisa terminológica é comum entre os intérpretes, na qual, 49 respondentes, equivalente a 93% dos respondentes sempre ou muitas vezes utilizam dessa busca como forma de preparação para a conferência. Poucos são os casos registrados pelos respondentes que não praticam com muita frequência esse método de preparação (4 respondentes, equivalente a 7,5%). A investigação quanto aos termos estudados, além de conter uma carga de conhecimento maior, promove a segurança no exercício da interpretação.

Ainda se tratando de estratégias de preparação, consultamos se há uma rotina de organizar listagem de possíveis desafios enfrentados durante o trabalho interpretativo em conferências. Consideramos esta elaboração de situações, que porventura possam acontecer,

uma estratégia de preparação, pois prepara a equipe para soluções instantâneas já previstas e discutidas. Toda e qualquer ação que seja pensada para dar fluidez e reduzir o esforço cognitivo e física nos serviços de interpretação oferecidos são válidas. A seguir (Gráfico 16), apresentamos a rotina dessa organização em relação à interpretação em conferência nas UFs.

Gráfico 16 – Previsão de desafios na atuação



Fonte: o Autor (2020)

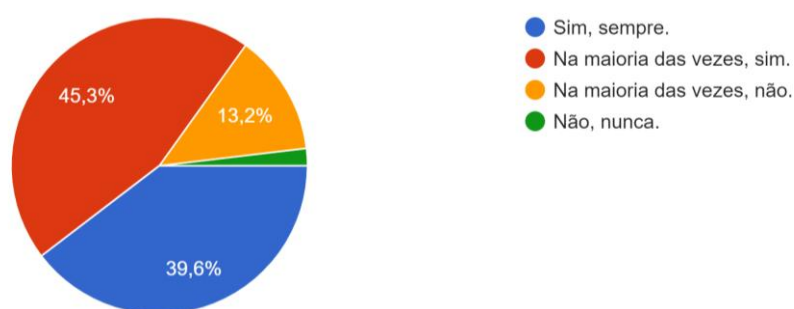
Refletir quanto a possíveis desafios interpretativos já é uma organização costumeira para a maioria dos intérpretes nas universidades federais do Brasil. Esta previsão de trabalho é apontada por Nogueira (2016) quando apresenta que

ao realizar esse processo, os intérpretes se apropriam dos assuntos que serão posteriormente interpretados, a fim de refletir sobre suas escolhas. Além disso, nessa fase será o momento de verificar como funcionará o trabalho entre a equipe, os equipamentos necessários e, também, perceber a localização e, até mesmo, definir o traje utilizado pelos intérpretes. (NOGUEIRA, 2016 p. 114).

Diante disso, nossa pesquisa obteve resultado positivo em relação aos dados coletados, visto que 41 respondentes, equivalente em média a 78% dos respondentes afirmarem sempre ou muitas vezes utilizarem esse método como composição de sua preparação para atuar em conferência. A adesão deste método se dá muitas vezes pela ausência de materiais enviados pelos conferencistas e informações prestadas pelos organizadores, fazendo com que seja pensado em outras formas de como solucionar esses percalços que, porventura, possam surgir. Destacamos registramos 12 respondentes, equivalente a 22,7% dos respondentes que poucas vezes ou nunca adotam esses procedimentos, e que possivelmente, a escassez de formação, não atuação em equipe ou desconhecimento do trabalho por parte do gestor sejam causas do desconhecimento desta estratégia de preparação.

Em seguida, questionamos aos participantes se é de costume o compartilhamento dessas previsões de situações adversas, que possam ocorrer durante a atuação, com outros intérpretes. Essa prática pode ser considerada sensata por parte dos profissionais, pois o compartilhamento de ideias entre a equipe com a finalidade de uniformizá-las é eficaz, visto ser um processo de análise de situações feita em conjunto. Uma profícua comunicação entre os membros da equipe está diretamente ligada a possível excelência na atuação em qualquer contexto, assim como em conferências.

Gráfico 17 – Compartilhando de informações entre a equipe

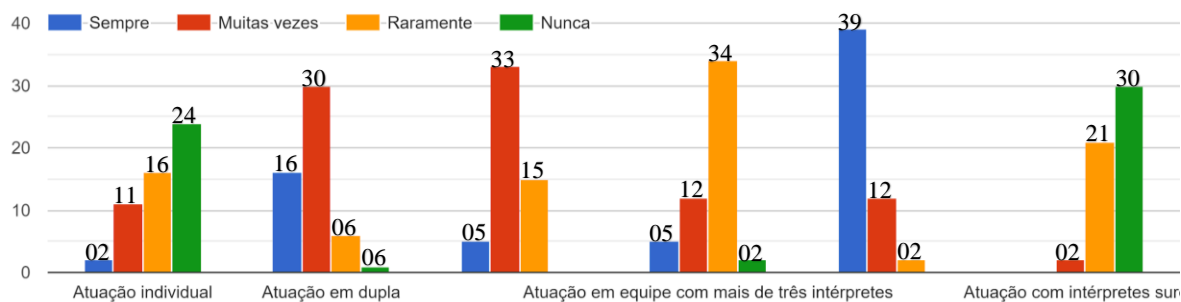


Fonte: o Autor (2020)

Entre os servidores intérpretes de Libras-Português das UFs, a prática de compartilhamento está presente. Temos que 45 respondentes, equivalente a 84,9% dos respondentes, sempre ou na maioria das vezes, estão partilhando suas ideias com o grupo, além de toda a preparação que se dá para um serviço de qualidade, a competência interpessoal entre a equipe é fortalecida. Apesar disso, obtivemos resposta de pessoas que nunca realizam esta prática em equipe, justificando-os pelo fato de estarem atuando em seus campus desauxiliado por outro servidor intérpretes, como é observado a seguir (Gráfico 18).

Durante a atividade de interpretação em conferências, o trabalho em equipe/ dupla é imprescindível, sobretudo, quando a interpretação é simultânea. Sabe-se que esta remete a elementos de ordem física, linguística e cognitiva. Todos eles, corroboram para efetiva qualidade do produto interpretativo que será entregue. A seguir (gráfico 18), apresentamos a situação atual dos intérpretes nas universidades federais referente a composição das equipes de trabalho em conferências.

Gráfico 18 – Atuação na interpretação de conferências

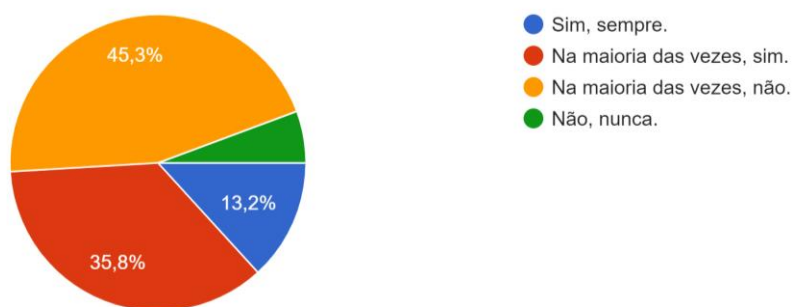


Fonte: o Autor (2020)

Dois participantes afirmam que sempre atuam sozinhos em conferências em suas instituições. Possivelmente sejam profissionais lotados em *campus* do interior, onde são direcionadas poucas vagas para cobrir uma “limitada” demanda, acarretando a sobrecarga de trabalho. Embora existam ínfimos casos de atuação individual, percebemos que a atuação, o trabalho de equipe com revezamento já é uma organização usual nas UFs. Contudo, grande parte das equipes são formadas somente por intérpretes ouvintes e, raramente, há a presença de Surdos na composição do grupo de intérpretes como por exemplo, a Universidade Federal de Santa Catarina.

A proposta de reunião com o(s) palestrante(s) é bastante benéfica, principalmente, quando a solicitação de envio de materiais para a preparação não é atendida ou quando, durante os estudos do material, as ideias do conferencista não tenham ficado claras aos intérpretes, pois se pode consultar diretamente o elaborador da palestra (gráfico 19).

Gráfico 19 – Encontros com o conferencista

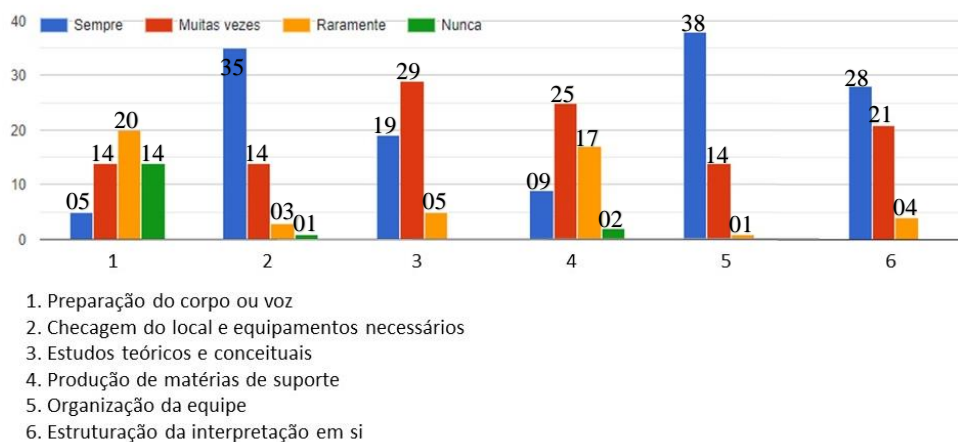


Fonte: o Autor (2020)

Apesar de contribuir de uma forma eficaz na atuação dos intérpretes, há uma certa dificuldade em realizar o encontro com os conferencistas, percebido em nossa pesquisa, já que 27 respondentes, equivalente a 51% dos respondentes poucas vezes ou nunca usufruem desse momento, podendo ser por motivo de falta de organização, por parte da equipe de intérpretes, da coordenação do evento ou até mesmo por parte do palestrante, afinal para que ocorra esse encontro entre ambas as partes, é necessário reservar um tempo, mesmo que seja minutos antes do início da conferência. Mesmo diante desse panorama pouco favorável em relação a esta questão, a prática de reunião com os palestrantes ainda é por muitas vezes ou sempre aplicada como forma de preparação e não está distante do dado anterior presente no gráfico 20, 12 respondentes, equivalente a 49%.

Diante de todas as estratégias de preparação mencionadas para interpretação em conferências, reunimos todas essas possibilidades em um único questionamento, e consultamos ao respondente quanto às estratégias discutidas nas reuniões pré-conferência (gráfico 20).

Gráfico 20 – Tipos de preparação



Fonte: o Autor (2020)

Dentre algumas preparações a ser realizada pelo Intérprete ou pela equipe, evidenciamos a organização da equipe quanto ao tempo de turno dos intérpretes, modo de revezamento e toda a logística do trabalho, tudo para que não aconteça percalços durante a atuação. Apontamos também a expressiva resposta quanto a checagem do local e dos equipamentos necessários durante a interpretação, afinal de contas isso influencia toda a logística já organizada, anteriormente, e para fazê-la funcionar, se faz necessário realizar uma vistoria. O tópico

bastante evidenciado quanto a necessidade da prática no momento da pré-conferência, são os estudos teóricos e conceituais, em conformidade com a realidade nas UFs.

Outro ponto que destacamos é em relação a saúde física do intérprete, onde obtivemos respostas de baixa adesão ao alongamento e exercício de voz para realizar uma interpretação. Como foi apontado anteriormente, atuar na modalidade simultânea, a mais presente nas conferências, requer bastante esforço físico do profissional e preparar o corpo para amenizar os impactos que essa atuação possa causar é uma das formas de prezar por sua saúde.

Santiago, Oliveira e Rosa (2010) investigaram vinte e cinco intérpretes de Libras-Português com idade de 26 a 36 anos, com média de sete anos de atuação e grande parte no ensino superior. Entre 60% dos intérpretes informam que não tem conhecimento sobre a temática e suas implicações na sua saúde. Além disso, quando perguntados se apresentam dores, 72%, afirmaram que sentem dores, sendo que 13% no antebraço, 6% braço, 10% coluna, 16% costas, 3% mão, 27% ombros, 19% pescoço, 6% punho (SANTIAGO, OLIVEIRA e ROSA, 2010, p. 5). Diante as pesquisas e dados coletados em nossa investigação, a prática quanto a saúde do intérprete ainda não é tão evidenciada como artifício de preparação para o momento de interpretação em vários contextos, incluindo o exercício em conferências.

Pedimos aos participantes da pesquisa, um resumo de sua compreensão sobre a pré-conferência e para que serve este momento. Deste modo registramos abaixo uma dessas respostas, inclusive com uma crítica ao momento que, muitas vezes, não acontece:

Serve como preparação. Porém se a organização do evento não envia com antecedência (apesar de sempre ser solicitado), parece não haver empenho da equipe em buscar essa preparação. Em muitas ocasiões também somos convocados em cima da hora do evento, quando lembram da acessibilidade para os surdos. (respondente n. 12).

Esta situação tem sido presente em outras instituições quanto se trata de interpretação em conferências. O descuidado com os direitos linguísticos e com a promoção de acessibilidade linguística prejudica o trabalho da equipe de interpretação. E o não conhecimento ou aplicação de outras estratégias de pesquisa e preparação por parte da equipe de intérpretes têm ocorrido com frequência e a ausência de compreensão do trabalho de interpretação acaba atingindo, como num efeito cascata, toda a preparação para um bom trabalho.

Mesmo com todos os entraves de organização e informação, percebemos que existem pensamentos bem coerentes quanto ao momento de preparação para uma atuação em conferências e que pela forma que são expressos, já há um hábito por parte destes do uso deste

tempo para ajustar seu trabalho e realizá-lo com eficiência, como é observado nas exposições abaixo.

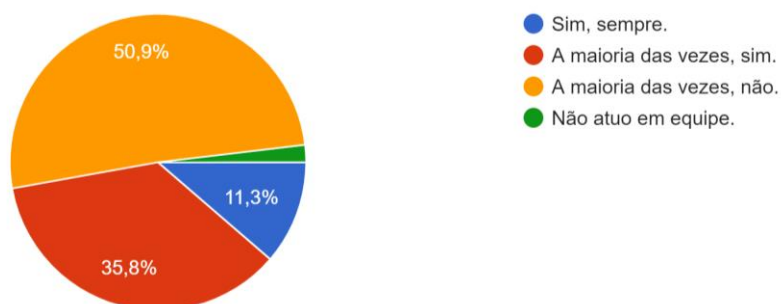
A Pré-conferência é uma oportunidade de se habituar com os conteúdos que foram planejados a serem apresentados, conhecer os palestrantes e seus discursos. Além disso momento antes da atuação serve para diminuir ou antecipar os possíveis entraves que podem surgir e planejar as soluções, o objetivo é se assegurar de que a equipe se sairá bem. (respondente n. 19).

Para a equipe de Intérpretes se prepararem para a atuação, através de estudos conceituais, pesquisas terminologias, alinhamento de estratégias, conhecer a abordagem dos palestrantes, conhecer a dinâmica do evento, acordarem entre si a padronização das terminologias que surgirão no evento. (respondente n. 07).

O momento de pré-conferência é relevante, pois podemos acertar detalhes de como vamos atuar e sanar possíveis dúvidas e solucionar prováveis percalços caso surjam. Se caso houver algum membro da equipe de TILS que não temos afinidade, o momento pré-conferência pode ser utilizado para conversar com este TILS e começar a estabelecer uma mínima relação de confiança, para que o trabalho seja desenvolvido com sucesso. (respondente n. 04).

Sucedendo o processo de preparação, a atuação em si requer muita atenção e necessidade de aplicação de algumas estratégias pela equipe de interpretação. A estratégia de registro de informações é importante para, posteriormente, apoiar na maneira de lidar com os entraves ocorridos durante a atuação, no momento pós-conferência entre os envolvidos na atuação, com o objetivo de discutir propostas de soluções em conjuntos para que em outros serviços as dificuldades sejam minimizadas e para que possam compor o arcabouço de experiência profissional. A seguir (Gráfico 21), apresentamos o uso do registro da interpretação.

Gráfico 21 – Registro de atuação

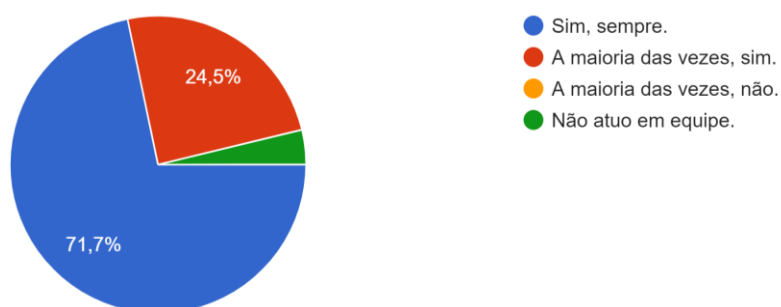


Fonte: o Autor (2020)

É percebido que um pouco mais da metade dos respondentes (27 respondentes, equivalente a 50,9%), na maioria das vezes não realiza o registro de atuação, o que pode ser considerado um problema, pois não será possível realizar reflexões quanto às situações vivenciadas, assim como termos chave que surgiram durante o trabalho e que todo essa coleta de cenários pode enriquecer o momento de discussões nos pós-evento. Em contraste temos praticamente o mesmo número de respondentes (25 respondentes, equivalente a 49,1%) afirmando realizar registros acerca de sua atividade interpretativa.

Como foi abordado em pesquisas, anteriormente, a modalidade mais presente nas conferências requer bastante esforço físico e mental do intérprete de Libras-português, é inegável a importância de um trabalho em formato de revezamento, para que haja qualidade e bons resultados ao público participante do contexto em questão. A seguir (gráfico 22), retrata-se a situação nas UFs quanto ao trabalho em regime de revezamento, troca de turnos, entre os intérpretes.

Gráfico 22 – Revezamento durante a atuação

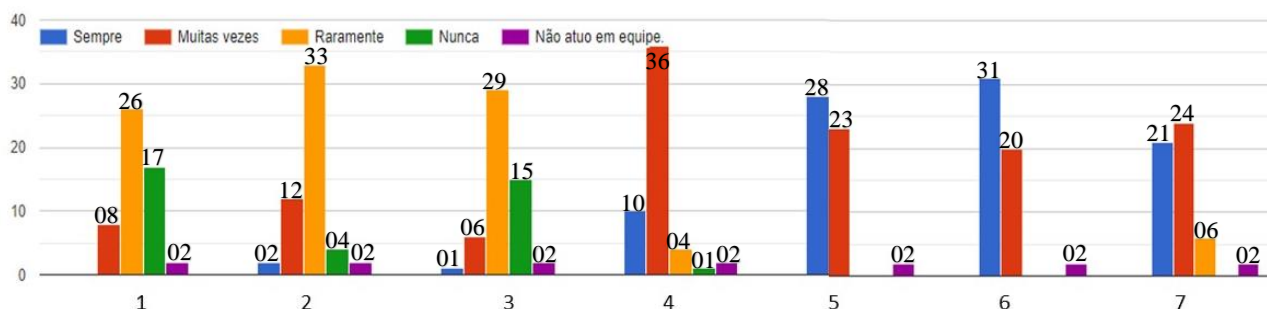


Fonte: o Autor (2020)

Vimos que 38 respondentes, equivalente a 71,7% dos respondentes afirma sempre atuar em eventos com revezamento, informação relevante e positiva para a classe de intérpretes, comprovando que esses profissionais estão instituindo em seus espaços laborais, formas de atender com qualidade às solicitações, levando em consideração o bem-estar da equipe de profissionais. Registramos, mesmo que em baixa porcentagem (28,3%, equivalente a 15 respondentes), os intérpretes de Libras-Português estão atendendo esse contexto tão complexo individualmente, como já mencionamos acima.

Indagamos aos respondentes quanto ao que fazem quando não estão no turno de interpretação. Sugerimos algumas situações como “aproveitar para desligar-se da interpretação”, “ir ao banheiro e/ou dar uma volta”, “conferir o celular para distrair-se um pouco”, “consultar informações de auxílio à interpretação”, “estar atento ao intérprete de turno” e “oferecer apoio e *feedback* ao intérprete de turno”, além de consultarmos quanto à frequência dessas ações durante o exercício de interpretação em conferências (gráfico 23).

Gráfico 23 – Ocupações fora do turno



1. Aproveitar o tempo para descansar e se desligar da interpretação
2. Ir ao banheiro e/ou dar uma volta
3. Conferir o celular pra se distrair um pouco
4. Buscar informação sobre o vocabulário e tirar dúvidas sobre conceitos e termos
5. Está atento a atuação do intérprete que está no turno, e colaborando com ele
6. Oferecer apoio ao intérprete que está no turno, quando ele pedir
7. Dar feedback constante ao intérprete do turno

Fonte: o Autor (2020)

Observamos que, em situações que possam ocasionar um desligamento, mesmo que momentâneo, do intérprete fora do turno em relação ao trabalho que está acontecendo naquele momento, raramente acontecem, em alguns casos estão acima do controle fisiológico (ir ao banheiro e/ou beber água), mas em situações que são facultadas aos intérpretes, observamos a

escolha sensata de estar apoiando, transmitindo *feedback* e realizando pesquisas, estando sempre atento ao contexto em geral (palestra e atuação). Essas são ações em comum entre os entrevistados que refletem um entendimento padrão entre si.

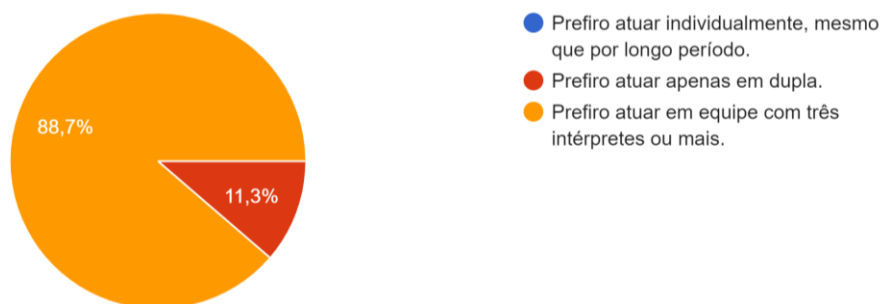
Nogueira (2016) detalha a partir de análises comportamentais fora do turno quanto aos intérpretes e suas atuações e apresenta comportamento inadequados em certos momentos

A experiência que possuem em outros eventos, um uso inadequado do trabalho em equipe, pois, várias ações podem ser consideradas como não colaborativas, bem como, sair do ambiente onde a interpretação está sendo realizada, se distrair com o celular, não estando atento ao intérprete do turno. (NOGUEIRA 2016, p. 172).

Atitudes colaborativas precisam existir durante o trabalho em equipe, além de oferecer qualidade no serviço, existem atitudes éticas ao contribuir com o trabalho como um todo, mesmo que fora do seu turno de atuação.

Perguntou-se também sobre a preferência de atuação em conferências, fornecendo três opções: atuar individualmente; atuar somente em dupla e atuar em equipe de três ou mais intérpretes (gráfico 24).

Gráfico 24 – Composição da equipe de Intérpretes de Libras



Fonte: o Autor (2020)

A expressiva manifestação sobre a preferência de atuar em equipe com três ou mais intérpretes foi a opção de 47 respondentes, equivalente a 88,7% dos respondentes em contraposição a preferência pela atuação em dupla no total de 06 respondentes, equivalente a 11,3%. A escolha pela equipe está ancorada em diversas circunstâncias favoráveis ao andamento do trabalho. Além de proporcionar um momento de descanso físico-psicológico

atuante, contribui na distribuição dos serviços entre os membros do grupo de trabalho. Diante de diversas experiências negativas sofridas ao longo de todas as demandas de conferências atendidas registramos respostas coletadas dos participantes durante a investigação quanto aos benefícios de atuar em equipe. Vale dizer que nenhum dos respondentes prefere atuar individualmente.

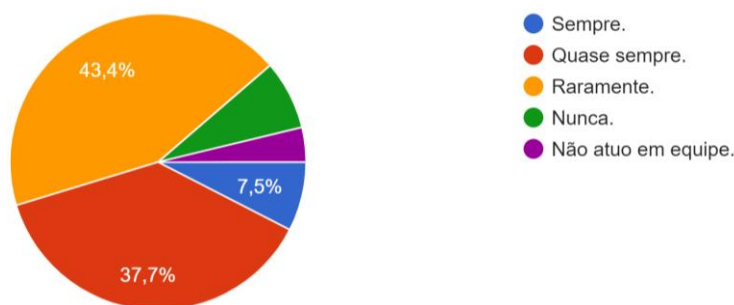
A produtividade melhora, o intérprete de apoio é essencial nesse e em outros contextos, a carga de trabalho quando se desenvolve em equipe é menos prejudicial para saúde do TILS. (respondente n. 34).

É de extrema importância, pois assegura maior qualidade e menos índice de erros na interpretação. O trabalho em equipe proporciona ajuda mútua dos profissionais envolvidos. (respondente n. 12).

Como uma profissional que atua há 6 anos sozinha, sei exatamente o valor que uma equipe tem. Como o revezamento é necessário para a manutenção da qualidade do trabalho. Que falta o “feed” faz! Passo os perrengues e os momentos de sucesso sozinha. Não tenho com quem trocar, crescer profissionalmente e vivenciar novos desafios. (respondente n. 07).

Como finalização do processo de interpretação no contexto de conferência, iniciamos as reflexões quanto ao momento pós-conferência. Nos quatro gráficos a seguir (gráficos 25, 26, 27 e 28) ponderamos a CT como base de nossas consultas aos respondentes, dentre as características que compõem essa competência temos o monitoramento, autoavaliação e a revisão de todo o processo laboral. Assim, questionamos aos participantes sobre a realização de reuniões pós-conferência (gráfico 25).

Gráfico 25 – Reuniões pós-evento

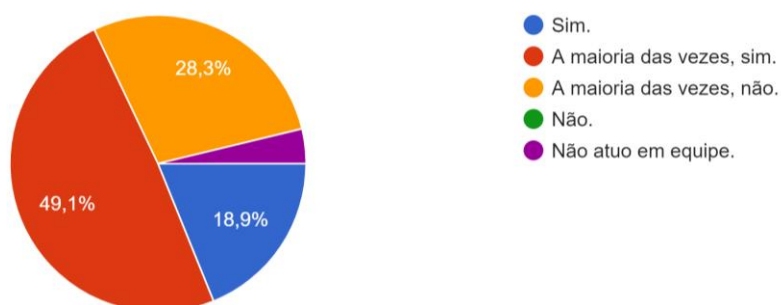


Fonte: o Autor (2020)

Denota-se que a prática de encontros pós-conferência por parte de 24 respondentes, equivalente a 45% dos respondentes, tal prática tem como finalidade refletir quanto ao trabalho realizado. Por mais que grande parte dos intérpretes tenham apresentado desejo de atuação em equipe alegando ser a melhor opção para haver qualidade no serviço, a não realização de reuniões pós evento percebido pela maioria dos respondentes (27 respondentes, equivalente a 50,9%) onde raramente ou nunca realizam este momento acabam prejudicando as possíveis reflexões e auto análises necessárias para haja uma construção de práticas deliberadas e habilidades importantes para o intérprete, afinal, os registros feitos durante o trabalho em si e situações vividas no momento da atuação precisam ser expostas ao grupo para que seja em conjunto pensado possibilidades de melhorias para futuras demandas. Em destaque 02 respondentes, equivalente a 3,8% dos respondentes não atuam em equipes, sendo privados das práticas de crescimento em equipe.

Após a indagação quanto à realização dos momentos pós a atuação nas conferências, desdobramos o questionamento aos objetivos desse encontro, quanto às manifestações de dúvidas e situações presenciadas nas conferências, bem como o direcionamento aos membros da equipe (gráfico 26).

Gráfico 26 – Análise de problemas encontrados durante a atuação



Fonte: o Autor (2020)

Mesmo com a baixa adesão dos momentos de reunião pós-conferência, conforme observado no gráfico 26, os encontros que são realizadas conseguem atingir seus objetivos de trazer as dificuldades encontradas equivalente a 36 respondentes, equivalente a 68% dos respondentes quanto a sempre ou a maioria das vezes realizar análises de questões problemáticas registradas durante a atuação, em contraste com as respostas equivalente a 15

respondentes, equivalente a 28,3% afirmando que poucas vezes esse momento durante a avaliação do trabalho. Assim como 02 respondentes, equivalente a 3,8 dos respondentes declararem que não atuam em equipe. Alguns respondentes descrevem como essas reuniões pós-eventos acontecem em suas instituições:

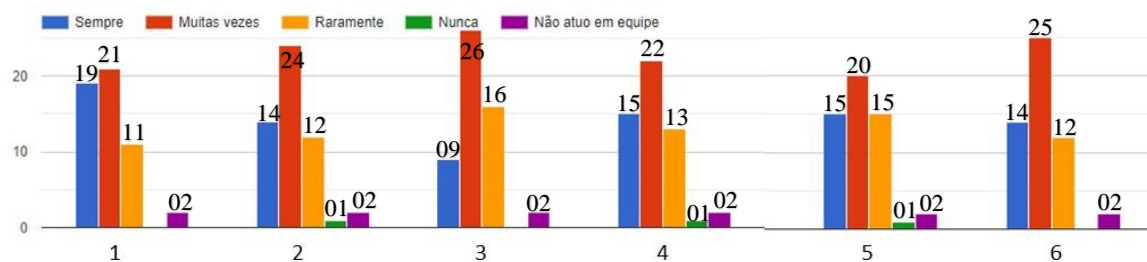
A equipe se reúne e discute pontos que observaram e anotaram no dia do evento para ser considerados na reunião pós evento para melhorias na atuação da equipe. Geralmente essas melhorias tem mais a ver com a dinâmica de trabalho, por exemplo: como melhorar o apoio, revezamento, comportamento da equipe durante a atuação do colega, etc. (respondente n. 17).

Fazemos anotações de coisas que poderiam ter sido diferentes e damos o retorno para o colega pois muitas coisas passam despercebidas para o intérprete que está em turno, mas o do apoio consegue captar. Críticas construtivas e elogios quando sai tudo certo são importantes. (respondente n. 19).

Não se tratam de reuniões exatamente, mas momentos informais em que comentamos sobre algumas ocorrências (positivas e/ou negativas) que influenciaram o processo de interpretação. (respondente n. 50).

A seguir (gráfico 27), delimitamos alguns aspectos mais comuns discutidos no encontro pós conferência. Dentre eles temos os aspectos linguísticos (vocabulário, estrutura etc.), logísticos (equipamento, espaço, iluminação, posicionamento etc.), extralinguísticos (aspectos culturais, temas específicos etc.), tradutórios (problemas de tradução, direcionalidade etc.), atitudinais (posturas, constrangimentos etc.) e interacionais (alinhamento da equipe, feedback do público etc.), direcionando assim aos respondentes quais desses aspectos estavam sendo tratados durante essas reuniões e com que frequência.

Gráfico 27 – Assuntos presentes nas reuniões pós-conferência



1. Aspectos linguísticos
2. Aspectos logísticos
3. Aspectos extralinguísticos
4. Aspectos tradutórios
5. Aspectos atitudinais
6. Aspectos interacionais

Fonte: o Autor (2020)

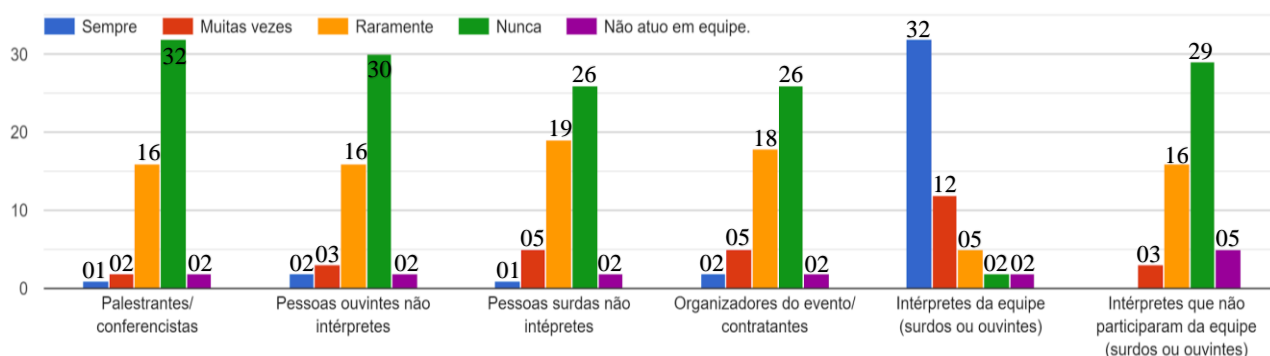
As informações acima corroboram com os aspectos referentes aos tópicos apresentados nas reuniões pós-eventos, mostrando que assuntos como aspectos linguísticos, logísticos, extralinguísticos, tradutórios, atitudinais e interacionais, na maioria das vezes, estão colocados em pautas nesses encontros, tópicos relevantes para uma reflexão crítica por parte da equipe para reduzir eventuais obstáculos nas próximas atuações.

Dentre os aspectos apresentados aos respondentes, quanto a sua presença em momento de pós-conferência, destaca-se o aspecto linguístico, justificado pelo escasso envio de materiais para preparação, ocasionando incertezas quanto aplicação do termo na sentença durante a interpretação. Em seguida, estão com expressivo índice de presença nas avaliações de atuação os aspectos extralinguísticos, fundamentado pelos dados do gráfico 12 – Acesso pré- interpretação a conteúdo e materiais. Conteúdos explanados durante a conferência sem a prévia compreensão do intérprete ocasionam problemas de caráter semântico no momento do processo da informação, que poderiam ser minimizados com uma consulta prévia ao conteúdo, materiais e conferencista.

Aspectos atitudinais também estão em evidência durante o encontro pós-evento. Apoio ao intérprete de turno e decisões que estejam de acordo com os convencionados durante a organização do trabalho, assim como posturas que, porventura, ocasionaram constrangimento entre a equipe são pontos relevantes a serem refletidos e de acordo com os respondentes, em destaque nas equipes onde atuam.

Entender a composição destas reuniões pós-conferências pode ser considerada uma estratégia a ser adotada pelas equipes. A diversidade de opiniões de membros internos e externos à equipe podem enriquecer a análise das situações vivenciadas durante o período de atendimento ao serviço. No gráfico a seguir (gráfico 28) registramos o retorno dos respondentes quanto à composição de membros em suas reuniões pós-eventos.

Gráfico 28 – Membros que compõem a reunião pós-conferência



Fonte: o Autor (2020)

Constatamos que a prática de reuniões pós-conferências ainda são compostas, em sua maioria, por membros da própria equipe atuante no evento, mas deixamos a reflexão sobre a possibilidade expandir a integração de outras partes envolvidas na composição durante todo o processo de atendimento em conferência, como exemplo, palestrantes e organizadores dos eventos que, por muitas vezes, têm um pensamento equivocado quanto ao trabalho dos intérpretes de Libras-português, e que na sua maioria não atenta em integrar a equipe quanto à organização e informações importantes, por estarem dedicando seu tempo ao evento, questão que pode ser sanada com o convite a participar do momento de preparação e avaliação organizado pelos intérpretes de Libras. Assim como os problemas organizacionais, existe a necessidade do *feedback* por parte do cliente que usufruirá do serviço, convidar representantes do público receptor da informação é sempre válido para entender mais se toda a organização, preparação e tomadas de decisão foram eficazes para que houvesse equivalência informativa.

Condensando todas as informações prestadas referente a organização de um momento pós-demanda, consultamos os membros participantes quanto a sua compreensão deste momento:

Serviria para dar Feedback e realização de ajustes para uma atuação melhor em um próximo evento, mas raramente isso acontece. (respondente n. 11).

Para tecer elogios à equipe, verificar pontos que deram certo para que estes continuem sendo usados em futuras conferências e pontos negativos a serem evitados em próximas atuações. (respondente n. 27).

Auto análise; feedback entre os pares; feedback dos surdos, organizadores e outros ouvintes (sempre que possível, ocorre mais sem ser nessa reunião e os dados são levados para essa reunião). Identificação das questões para melhoria dos trabalhos, de modo geral. (respondente n. 34).

Diante todo o cenário de atividades interpretativas nas conferências promovidas pelas UFs, compreendemos os constantes desafios enfrentados pelos servidores intérpretes de Libras-português, às vezes por ausência de informações repassadas à equipe ou ao evento ou, até mesmo, situações que fogem do controle da coordenação da conferência:

Quando somos surpreendidos no meio da conferência por alguma coisa que não estava combinada antes, o que é bem frequente (uma apresentação musical/cultural, um vídeo sem legenda e sem janela do intérprete, um trecho ou palestra em idioma estrangeiro etc.). (respondente n. 05).

Enfrentando situações que poderiam ser ajustadas durante a preparação do evento:

A prática da modalidade sinal-voz, ainda é um gargalo que precisamos melhorar constantemente. Certa vez em um evento estava realizando a Interpretação, quando o colega tils de apoio, fazia a Interpretação simultânea junto comigo. No entanto percebi que não me ajudava, ao contrário, estava me confundindo e travando. Tive que dizer que estava prejudicando a Interpretação, no entanto, a fala saiu no microfone e foi uma situação bem constrangedora. (respondente n. 20).

Passando por situações de descompromisso por parte de alguns membros da equipe dos intérpretes de Libras:

Ficar sozinha na interpretação, ser abandonada pela dupla ou equipe; ter colegas que não se prepararam para o evento. (respondente n. 07).

Encarando situações embaraçosas que estão além das possibilidades de soluções por parte dos intérpretes que acabam afetando negativamente sua atuação:

Problemas na acústica do auditório ou no equipamento de som; Local sem ventilação ou iluminação adequado; falta do envio do material de estudo e

planejamento; atraso no início ou término do evento; Dificuldade de entendimento na fala de palestrantes estrangeiros dentre outros. (respondente n. 51).

Diante todos os dados apresentados em nossa pesquisa observamos que a atuação dos intérpretes de Libras em conferências nas universidades federais brasileiras ainda requer ajustes, como: (i) adoção de algumas formas de preparação individual e em equipe; (ii) aumento da mão de obra para composição de equipes que possam atender a comunidade acadêmica com qualidade, prezando pela saúde do profissional como por exemplo, atuações em regime de revezamento; (iii) pôr em prática o registro de atuação para que sejam realizadas, posteriormente, análises da atividade interpretativa; (iv) realizar e expandir ao público diretamente ligado a demanda em conferências o momento de avaliação da atividade realizada com a finalidade de compor cada vez mais experiências construtivas a carreira profissional.

5 CONSIDERAÇÕES

Para abordarmos os resultados desta pesquisa, relembramos o problema de pesquisa: Como encontra-se o perfil e atuação em conferências dos intérpretes de Libras nas universidades federais brasileiras na atualidade? A partir desta reflexão propusemos a coleta de dados com a finalidade de reunir experiências de ILS de diversas instituições federais de ensino superior pautadas em nossas análises durante toda a pesquisa, apoiados nos EI quanto à conceitualização, referenciando o contexto de interpretação em conferências, características, modalidades, direções e processos presentes nessa demanda, ramificando ao par linguístico Libras-português, objeto do campo dos ETILS.

Primeiramente, observamos pesquisas relacionadas aos estudos interpretação, visando estudar a atividade interpretativa em suas características específicas e evidenciar as modalidades incorporadas neste processo. Em seguida identificamos os contextos que compõem o processo de interpretação definindo a interpretação como foco de nossa pesquisa. Assim, foi abordado os ETILS através de arcabouços teóricos que alicerçam nossa investigação, para que enfim pudéssemos aprofundar mais sobre as análises de conferências envolvendo as línguas de sinais.

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou conhecer o cenário de trabalho em conferências por Intérpretes de Libras-Português nas UFs, quanto a sua operacionalização, apontadas em três etapas: preparação, atuação e avaliação, e por mais que o ambiente onde estão inseridos proporcione uma formação acadêmica, a escassez de capacitações aos ILS e à comunidade acadêmica é perceptível, ocasionando muitos equívocos e desconhecimentos quanto ao serviço do intérprete de Libras-Português por parte da instituição onde estão lotados. Deste modo, houve necessidade de coletar relatos que comprovam os impedimentos do oferecimento dos serviços de qualidade, para que pudéssemos realizar estudos com base nas pesquisas em interpretação de conferências já existentes e assim apresentar à comunidade interessada nossos dados a partir das inúmeras reflexões.

Além de informações procedimentais sobre a interpretação em conferências, nossos dados evidenciaram que possivelmente os tradutores e intérpretes de Libras-Português das universidades federais, em sua maioria, são mulheres entre 26 e 41 anos, com ProLibras e

especialização, que aprenderam Libras após os 16 anos e que estão no cargo como efetivos de nível D.

Entende-se, a partir do observado, que movimentação por parte dos intérpretes quanto à conscientização nos setores da universidade, pode ser considerado um método eficaz que possibilita a minimização de situações agravantes que possam vir a acontecer durante toda sistematização de um serviço, dentre eles, as conferências, parte do tripé universitário que trata da extensão da academia e a sociedade externa, demanda crescente e contínua dessas das organizações públicas de ensino superior.

Após a realização da pesquisa, podemos afirmar que nossa investigação contribui ao campo de EI envolvendo as línguas de sinais — ETILS — no contexto de conferências. Entretanto, ainda existem muitas questões envolvendo essa atividade que estão em aberto, o que corresponde a portas para novas pesquisas capazes de sugerir melhorias de logística, organização e capacitação à comunidade acadêmica e à equipe de ILS das universidades federais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.091. **Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências.** Brasília, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.626. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Brasília, 2005.

BRASIL. Lei nº 12.319. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** Brasília, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.146. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília, 2015.

CAVALLO, Patrizia **A carga cognitive em interpretações simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues.** São Paulo, v. 25, Agosto/2015.

CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia C. R. **Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira.** Letras & Letras | Uberlândia | vol. 32/1 | jan/jun 2016.

FRANCO, E. R. C.; ARAÚJO, V. S. **Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV),** Tradução em Revista nº 11, 2011/2.

GARZONE, G. From conference interpreting to dialogue interpreting. In: GARZONE, G.; RUDVIN, M. (Eds.). **Domain-Specific English and Language Mediation in professional and institutional settings.** Milano: Arcipelago Edizioni, 2003.

GOMES, Eduardo A. **Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras - língua portuguesa do brasil: o que se tem produzido a respeito?** São Paulo, v. 33, junho/2019.

GURGEL. T. M. A. **Perfil de Tradutores-Intérpretes de Libras (TILS) que atuam no Ensino Superior no Brasil.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.17, n.3, p.481-496, 2011.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología. Introducción a la traductología.** Ed. rev. Madrid: Cátedra, 2011.

INEP. **Resumo Técnico do Censo de 2007.** Disponível em: <
https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf >
Acesso em: 09 Nov. 2020.

JIMÉNEZ, A. **La Traducción a la vista. Un Análisis descriptivo.** f. Tesis (Doctorado en Lingüística i llengües) – Universitat Jaume I, Facultat de Ciències Humanes i Socials. 1999.

LACERDA, Cristina e GURGEL, Taís. **Perfil de Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) que atuam no Ensino Superior no Brasil.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.17, n.3, p.481-496, Set.-Dez., 2011.

LOURENÇO, Guilherme **A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfosintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz.** Tradução em Revista, 24, 2018.

MARTINS, Priscila O. **A interpretação intermodal Libras-Português Libras-Português em contexto de saúde.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

NAPIER, J.; ROHAN, M.; SLATYER, H. **Perceptions of Bilingual Competence and Preferred Language Direction in Auslan/English Interpreters.** Journal of Applied Linguistics. 2(2), 2005, p. 185-218.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. **Direction Asymmetries in Spoken and Signed Language Interpreting.** Bilingualism: Language and Cognition. 16(3), 2013, p. 624-636.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Atividade de Preparação para Intérpretes de Libras-Português Libras-Português em Conferências.** P. 331-48, Estudos da Língua Brasileira de Sinais, vol. V, 2020.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

PAGURA, R. J. **A interpretação de conferências no Brasil: História de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros.** 2010. 231 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, É. (Org). **Tradução & perspectivas teóricas e práticas [online].** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PAGURA, Reynaldo. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. v.19 e n. esp, 2003.

PEREIRA, Maria C. **Produções Acadêmicas sobre a interpretação de Línguas de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos.** Cadernos de tradução v. 2, 2010.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research.** Amsterdam: John Benjamins, pp.43-66. 2003.

PÖCHHACKER, Franz. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, Jeremy. **The Routledge Companion to Translation Studies.** London: Routledge. 2009, p.128-140.

PÖCHHACKER, Franz; QUEIROZ, Mylene. Conexões Fundamentais: **Afinidade e Convergência nos Estudos da Interpretação.** ScientiaTraductionis, Florianópolis, n. 7, p. 61-75, 2010.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Tradução e Línguas de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque.** v. 38 n. 2 (2018).

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. **Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?** Cadernos de Tradução, Florianópolis, 2015.

SAMPAIO, Glória Regina Loreto. **Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas.** Uberlândia | vol. 11, n. 5 | dez.2017.

SANTIAGO, Judith; OLIVEIRA, Juliano; ROSA, Maricilene, **A Saúde do Intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais): Cuidados para a Prevenção de Possíveis Dors.** Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras-Língua Portuguesa, UFSC, Florianópolis. 2010.

SANTOS, Kátia A. S.; LACERDA, Cristina B. F. **O intérprete de libras-português Libras-Português no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação / Libras-Portuguese Interpreter in the Context of Conferences: Reflections on Their Work.** *Bakhtiniana*, São Paulo, 13 (2): 63-82, Set./Dez. 2018.

SANTOS, Silvana. A. **Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução.** *Revista da Anpoll* v. 1, nº 44, p. 375-394, Florianópolis, Jan./Abr. 2018.

SANTOS, Silvana. A. **Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010.** (Tese) Doutorado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SOUSA, Aline; SALGADO, Tania. **Memória, aprendizagem e inteligência.** *Revista Liberato*, Novo Hamburgo, v. 16, n. 26, jul/dez. 2015.

VASCONCELLOS, M. L. **Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar 'Estudos da Tradução'.** In: QUADROS, R. M. de (Org.) *Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais*, *Cadernos de Tradução* v.2, n.26. 119-143, 2010.

WILLIAMS, J. e CHESTERMAN, A. **The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies.** Manchester - UK: St Jerome Publishing, 2002.